

P.C. CAST + KRISTIN CAST



traída

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução: Susana Serrão



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Dedicamos este livro a Sherry Rowland (Tia),
amiga e publicista. Obrigada, Sher, por tomares conta de nós,
mesmo quando somos exigentes e maçadoras (e especialmente
quando nos dás «tratados»). Adoramos-te.*

AGRADECIMENTOS

Como sempre, queremos agradecer a Dick L. Cast, Pai/Avô, por saber tudo sobre Biologia e nos ajudar.

Obrigada à nossa espantosa agente, Meredith Bernstein, que teve a ideia fabulosa com que esta série começou.

Agradecemos à nossa equipa St. Martin's, Jennifer Weis e Stefanie Lindskog, por nos terem ajudado a criar uma série tão especial. Em particular, um grande ADORAMOS aos talentosos artistas que conceberam capas tão bonitas.

E gostaríamos de deixar aqui um agradecimento especial a uma associação de recolha e adopção de gatos de Tulsa, Street Cats. Apoiamos a iniciativa (e até adoptámos Nala!) e agradecemos a dedicação e o amor deles pelos gatos. Não deixem de visitar o sítio deles na Web, www.streetcatstulsa.org, para mais informações. Se quiserem fazer donativos para animais de estimação, garantimos que a associação é uma excelente escolha!

— P.C. & Kristin

Gostaria de agradecer aos meus alunos do secundário que:

- 1) suplicaram para entrar nestes livros e depois serem mortos,*
- 2) serviram de material de comédia constante para mim,*
- 3) e até me deixam em paz às vezes para eu escrever.*

E AGORA VÃO FAZER OS TRABALHOS DE CASA. Vai haver teste.

— Miss Cast



PRIMEIRO CAPÍTULO

Miúda nova. Olha só — disse Shaunee quando se sentou no banco alto a que chamávamos sempre nosso em cada refeição na escola, servida na sala de jantar (tradução: cafetaria escolar de primeira classe).

— É trágico, Gémea, mesmo trágico — a voz de Erin imitava completamente a de Shaunee. As duas tinham uma espécie de elo psíquico que as tornava curiosamente parecidas, e por isso lhes chamávamos «as Gémeas», embora Shaunee seja Jamaicana Americana cor de café, do estado do Connecticut, e Erin uma loura de olhos azuis, do estado do Oklahoma.

— Felizmente que ela é companheira de quarto da Sarah Freebird. — Damien fez um aceno de cabeça na direcção da miúda pequenina, com cabelo muito preto, que mostrava a sala de jantar à miúda nova, de ar perdido, e o olhar dele, acutilante e conhecedor de moda, perscrutava as duas raparigas e suas roupas — dos sapatos aos brincos — de uma assentada.

— É evidente que tem um estilo melhor do que o da Sarah, apesar do stresse de ser Marcada e de mudar de escola. Talvez consiga ajudar a Sarah naquela propensão infeliz que ela tem para sapatos feios.

— Damien — disse Shaunee. — Estás *outra vez* a torrar...

— ... o que me resta de paciência com essa treta infundável do vocabulário — Erin terminou-lhe a deixa.

Damien fungou, com ar ofendido e superior, e ainda mais *gay* do que de costume (embora seja completamente *gay*).

— Se o teu vocabulário não fosse tão abismal, não terias de andar de dicionário para me acompanhares.

As Gémeas semicerraram os olhos na direcção dele, engoliram ar para começarem novo assalto, o qual, felizmente, foi interrompido pela minha companheira de quarto. No seu pesado sotaque do Oklahoma, Stevie Rae recitou as duas definições como se estivesse num concurso de ortografia.

— Propensão – preferência natural, não raro intensa. Abismal – absolutamente horrível. Pronto. Agora não se importam de parar de brigar, minha gente? Sabem bem que está quase na hora da visita dos pais, e não devíamos portar-nos como retardados quando os nossos pais aparecerem.

— Ah que treta — disse eu. — Tinha-me esquecido completamente da visita dos pais.

Damien resmungou, deixou cair a cabeça na mesa e começou a bater com ela, e nada suavemente.

— Também me esqueci completamente. — Os quatro trocámos com ele olhares compassivos. Os pais de Damien não se importavam nada que ele tivesse sido Marcado, mudado para a Casa da Noite, e começado a Mudança que o transformaria num vampyro ou, se o corpo rejeitasse a transformação, o mataria. Importavam-se, e muito, com o facto de ele ser *gay*.

Pelo menos os pais de Damien não se importavam com alguma coisa acerca dele. A minha mãe e o actual marido – o traste do meu padrasto, John Heffer – por outro lado, detestavam absolutamente tudo em mim.

— Os meus cotas não vêm. Vieram no mês passado. Este mês andam muito ocupados.

— Gémea, mais uma vez comprovas a nossa gemelidade — disse Erin.

— Os meus cotas mandaram-me um *e-mail*. Também não vêm, por causa de um cruzeiro qualquer de Acção de Graças, que decidiram fazer ao Alasca, com a Tia Alane e o Tio Lérias Lloyd. Enfim. — Encolheu os ombros – aparentemente tão impávida quanto Shaunee perante a ausência dos pais.

— Ouve, Damien, talvez a mamã e o papá também não apareçam — disse Stevie Rae com um sorrisinho breve.

Ele suspirou.

— Não faltam. É o mês dos meus anos. Vão trazer prendas.

— Não parece nada mau — disse eu. — Disseste que querias um novo bloco de desenho.

— Eles não me vão dar um bloco de desenho — disse ele.

— No ano passado, pedi um cavalete. Deram-me material de campismo e uma assinatura da *Sports Illustrated*.¹

— Que nojo! — Disseram Erin e Shaunee juntas, ao passo que Stevie Rae e eu franzíamos o nariz e fazíamos ruídos compassivos.

Claramente desejoso de mudar de assunto, Damien virou-se para mim.

— Vai ser a primeira visita dos teus pais. O que esperas?

— Um pesadelo — suspirei. — Um pesadelo total, completo e absoluto.

— Zoey? Achei por bem apresentar-te à minha nova companheira de quarto. Diana – esta é Zoey Redbird – líder das Filhas das Trevas.

Contente com a distração, para não ter de falar dos problemas horrorosos com os meus pais, olhei para cima a sorrir, quando ouvi o som da voz nervosa e hesitante de Sarah.

— Uau, é mesmo verdade! — Exclamou a miúda nova antes que eu dissesse olá. Como sempre, olhava fixamente para a minha testa, e estava vermelha que nem um tomate.

— Quer dizer, hã... desculpa. Não queria ser mal-educada nem nada assim... — calou-se, com um ar desgraçado.

¹ Revista de desporto, como o nome indica, cuja edição especial de fatos de banho já se tornou lendária. (N. da T.)

— Não faz mal. E é verdade. A minha Marca está preenchida e acrescentada. — Continuei a sorrir, a tentar que ela não se sentisse tão mal, embora detestasse que fizessem de mim a principal atracção num circo. Outra vez.

Felizmente que Stevie Rae entreviu antes que a fixação de Diana e o meu mutismo piorassem.

— Pois, a Z ficou com aquela tatuagem gira de rendinhas em espirais na cara e nos ombros quando salvou o ex-namorado de uns fantasmas vampyros pavorosos — declarou Stevie Rae alegremente.

— Foi o que a Sarah me contou — disse Diana, hesitante. — Parecia tão incrível que eu, bem, eu...

— Não querias crer? — Ajudou Damien.

— Pois. Desculpa — repetiu, nervosa e a mexer nas unhas.

— Esquece lá isso. — Fiz um sorriso praticamente autêntico. — Até a mim às vezes parece mesmo bizarro, e eu estava lá.

— E a dar cabo deles — disse Stevie Rae.

Lancei-lhe um olhar a dizer «não estás a ajudar nada», mas ela não ligou. Sim, eu poderia vir a ser Sumo-Sacerdotisa deles, mas não sou exactamente chefe dos meus amigos.

— Seja como for, este sítio pode parecer muito estranho ao princípio. Mas melhora — disse eu à miúda nova.

— Obrigada — replicou ela, com simpatia genuína.

— Bem, é melhor irmos para eu poder mostrar à Diana onde vai ser a quinta hora dela — disse Sarah, e depois deixou-me toda constrangida, a saudar-me muito séria e formal, com o símbolo tradicional de respeito dos vampyros, o punho fechado sobre o coração e a cabeça curvada, antes de se ir embora.

— Detesto quando me fazem aquilo — resmunguei, a mexer a salada.

— Eu acho simpático — disse Stevie Rae.

— Mereces que te mostrem respeito — disse Damien, na sua voz de mestre-escola. — És a única terceiranista que alguma vez foi eleita líder das Filhas das Trevas e a única iniciada ou vampyra da história a mostrar afinidade com os cinco elementos.

— Assume, Z — disse Shaunee, com a boca cheia de salada e a apontar para mim com o garfo.

— És especial — Erin terminou-lhe a frase (como de costume).

Terceiranista é o que se chama a um caloiro na Casa da Noite – quattranistas são os alunos de segundo ano, e assim sucessivamente. E sim, eu sou a única terceiranista eleita líder das Filhas das Trevas. Que sorte a minha.

— Por falar nas Filhas das Trevas — começou Shaunee.

— Já decidiste quais queres que sejam os novos requisitos de adesão?

Reprimi a vontade de gritar, *Raios me partam, ainda não acredito que mando nisso tudo!* Limitei-me a abanar a cabeça, e decidi – com o que esperava ser um golpe de génio – delegar alguma da pressão neles.

— Não, não sei quais devem ser os novos requisitos. Aliás, esperava que vocês me ajudassem. Portanto, têm ideias?

Tal como desconfiava, calaram-se os quatro. Abri a boca para agradecer encarecidamente o mutismo deles, mas a voz imponente da nossa Sumo-Sacerdotisa ouviu-se no altifalante da escola. Por segundos fiquei contente com a interrupção, mas depois apercebi-me do que ela dizia, e comecei a sentir o estômago apertado.

— Alunos e professores, queiram dirigir-se à sala de recepções. São horas da visita mensal dos pais.

Raios me partam.

...

— Stevie Rae, Stevie Rae! Oh, minha nossa, tenho tantas saudades tuas!

— Mãezinha! — Exclamou Stevie Rae, e lançou-se nos braços de uma mulher muito parecida com ela, só que com mais vinte quilos e vinte anos.

Damien e eu ficámos com ar embaraçado à porta da sala de recepções, que começava a encher-se de pais com ar constrangido,

alguns irmãos humanos, um monte de iniciados, e vários dos nossos professores vampyros.

— Bem, lá estão os meus pais — disse Damien, e suspirou.
— Mais vale despachar isto. Até logo.

— Até logo — balbuciei, e vi-o juntar-se a duas pessoas com ar normalíssimo, que tinham com elas uma prenda embrulhada. A mãe dele deu-lhe um abraço rápido e o pai apertou-lhe a mão com uma masculinidade exuberante. Damien parecia pálido e stressado.

Dirigi-me à mesa comprida, coberta com uma toalha de linho a todo o comprimento da parede. Estava cheia de travessas com queijos finos e carnes, sobremesas, café, chá e vinho. Eu estava na Casa da Noite há um mês, e ainda me chocava a facilidade com que serviam vinho. A razão é simples, em parte – a escola segue o modelo das Casas da Noite europeias. Parece que na Europa o vinho à refeição é como chá ou Coca-Cola aqui – nada de mais. A outra parte da razão deve-se a um facto genético – os vampyros não se embebedam – os iniciados mal sentem o efeito (pelo menos do álcool – do sangue, infelizmente, já é outra questão). Por conseguinte, o vinho aqui não é nada de mais, embora me parecesse interessante ver como pais típicos do estado do Oklahoma reagem ao facto de haver bebidas alcoólicas numa escola.

— Mãezinha! Tens de conhecer a minha companheira de quarto. Lembras-te de que te falei dela? Esta é a Zoey Redbird. Zoey, esta é a minha mãezinha.

— Olá, Mrs. Johnson, gosto em conhecê-la — disse eu, educadamente.

— Oh, Zoey! É muito bom conhecer-te! E, *minha nossa!* A tua Marca é tão bonita quanto a Stevie Rae disse. — Surpreendeu-me com um abraço de mãe e sussurrou — Ainda bem que estás a tomar conta da Stevie Rae. Fico ralada com ela.

Abracei-a e sussurrei também:

— Não custa nada, Mrs. Johnson, a Stevie Rae é a minha melhor amiga. — E embora fosse completamente surreal, desejei que a minha mãe me abraçasse e se ralasse comigo, como Mrs. Johnson se ralava com a filha.

— Mãezinha, trouxeste-me bolachas com pepitas de chocolate? — Perguntou Stevie Rae.

— Sim, fofinha, trouxe, mas vejo agora que as deixei no carro. — A mãe de Stevie Rae tinha um sotaque igual ao da filha.

— Porque não vens comigo e me ajudas a trazê-las para dentro? Fiz mais a contar com os teus amigos desta vez. — Sorriu bondosamente para mim. — Também podes vir connosco, Zoey, tenho muito gosto nisso.

— Zoey.

Ouvi chamarem-me, como se fosse um eco gelado da simpatia de Mrs. Johnson, olhei por cima do ombro dela e vi a minha mãe e John a entrarem na sala. Caiu-me o coração aos pés. Ela viera com ele. Porque raio não viera sozinha e éramos só nós duas, para variar? Mas já sabia a resposta. Ele nunca o permitiria. E por ele não permitir, ela não o faria. Ponto final. Assunto encerrado. Desde que casara com John Heffer, a minha mãe não tinha de se ralar com dinheiro. Morava numa casa enorme num bairro sossegado nos subúrbios. Fazia parte da associação de pais. Fazia voluntariado na igreja. Porém, naqueles três anos do seu casamento «perfeito», perdera-se completa e liminarmente.

— Desculpe, Mrs. Johnson. Estou a ver os meus pais, tenho que ir.

— Oh, querida, adorava conhecer a tua mãezinha e o teu paizinho. — E, como se estivéssemos em eventos escolares normais, Mrs. Johnson virou-se, a sorrir, para conhecer os meus pais.

Stevie Rae olhou para mim, e eu olhei para ela. *Desculpa*, disse eu muito baixinho. Quer dizer, não tinha a certeza de que fosse acontecer algo de mal, mas com o traste do meu padrasto a galgar a distância entre nós, como se fosse um general movido a testosterona à frente de uma marcha fúnebre, achei que o mais certo era haver uma cena digna de pesadelo.

Depois senti o coração desafogado e tudo ficou muito, muito melhor, quando a minha pessoa preferida no mundo inteiro saiu de trás de John e abriu os braços para mim.

— Avó!

Ela estreitou-me nos braços e senti o doce aroma a alfazema que andava sempre com ela, como se levasse um pedaço da sua linda plantação de alfazema com ela para onde quer que fosse.

— Oh, Zoeybird! — Apertou-me com força. — Tive tantas saudades tuas, *u-we-tsi a-ge-hu-tsa*.

Sorri no meio das lágrimas, pois adorava o som do termo cherokee para filha – significava segurança e amor e aceitação incondicional. Coisas que eu não tinha em casa há três anos – coisas que, antes de vir para a Casa da Noite, só tinha em casa de minha avó.

— Também tive muitas saudades tuas, Avó, estou tão contente por teres vindo!

— Deve ser a avózinha da Zoey — disse Mrs. Johnson, quando deixámos de estar agarradas. — Muito gosto em conhecê-la. Tem aqui uma bela rapariga.

A Avó sorriu e ia responder, quando John interrompeu na sua voz Sou-Tão-Superior do costume.

— Bem, na verdade, é a *nossa* bela rapariga que a senhora está a elogiar.

Como se fosse uma Esposa de Stepford, a minha mãe teve finalmente ordem para falar.²

— Sim, somos os pais da Zoey. Linda Heffer. Este é o meu marido, John, e a minha mãe, Sylvia Red — Nisto, no meio destas apresentações tão educadas, deu-se ao trabalho de olhar para mim, e parou de falar como se lhe faltasse o ar.

Obriguei-me a sorrir, mas sentia a cara quente e dura, como se fosse de gesso cozido ao Sol e se pudesse desfazer em bocadinhos se eu não tivesse cuidado.

— Olá, Mãe.

— Pelo amor de Deus, o que é que fizeste à Marca? — Disse *Marca* como se dissesse cancro ou pedofilia.

— Salvou a vida de um jovem e descobriu a afinidade pelos elementos que a Deusa lhe deu. Em troca, Nyx brindou-a com várias Marcas invulgares numa iniciada — disse Neferet na sua voz

² *The Stepford Wives* (1972), sátira de terror do romancista norte-americano Ira Levin, adaptada duas vezes ao cinema. As esposas de Stepford são submissas, dedicadas e perfeitas. (N. da T.)

doce e melodiosa, quando entrou no meio do nosso grupinho embaraçado, com a mão estendida para o traste do meu padrasto. Neferet era, como a maioria dos vampyros, espantosamente perfeita. Era alta, com cabelo castanho-avermelhado luzidio que lhe caía em ondas nas costas, olhos amendoados numa invulgar cor de verde-musgo. Movia-se com uma graciosidade e confiança que claramente não eram humanas, e tinha uma pele tão espectacular que parecia ter luz por dentro. Naquele dia trajava um elegante fato azul-marinho com brincos de prata em forma de espiral (a representar o caminho da Deusa, mas não era coisa que a maioria dos pais soubesse). Tinha bordado do lado esquerdo do peito um símbolo prateado da Deusa com as mãos erguidas, como tinham todos os professores. O sorriso dela era encantador.

— Mr. Heffer, sou Neferet, Sumo-Sacerdotisa da Casa da Noite, embora seja mais fácil pensar em mim como uma directora de escola comum. Obrigada por virem à noite da visita dos pais.

Via-se que ele lhe apertara a mão automaticamente. Tenho a certeza de que se teria recusado se ela não o apanhasse de surpresa. Ela apertou-lhe a mão rapidamente e virou-se para a minha mãe.

— Mrs. Heffer, é um prazer conhecer a mãe da Zoey. Estamos muito contentes por ela ter vindo para a Casa da Noite.

— Bem, hum, obrigada! — Exclamou a minha mãe, claramente desarmada pela beleza e encanto de Neferet.

Quando Neferet cumprimentou a minha avó, o sorriso dela abriu-se e foi mais do que educado. Reparei que apertavam as mãos à maneira tradicional dos vampyros, agarrando os antebraços.

— Sylvia Redbird, é sempre um prazer vê-la.

— Neferet, o meu coração regozija-se por te ver também, e agradeço-te por cumprires a jura de tomares conta da minha neta.

— Não é maçada alguma cumprir essa jura. A Zoey é uma menina especial. — O sorriso de Neferet incluía-me também. Depois virou-se para Stevie Rae e sua mãe.

— E esta é a companheira de quarto da Zoey, Stevie Rae Johnson, e a sua mãe. Consta que as duas são inseparáveis, e que até a gatinha da Zoey se afeiçoou a Stevie Rae.

— Pois é. Ela até veio para o meu colo quando estávamos a ver televisão ontem à noite — disse Stevie Rae a rir-se. — E a *Nala* não gosta de mais ninguém a não ser da Zoey.

— Gato? Não me lembro de ter autorizado a Zoey a ter um gato — disse John, o que me deu náuseas. Como se alguém, tirando a Avó, se tivesse dado ao trabalho de falar comigo durante um mês inteiro!

— Está equivocado, Mr. Heffer, na Casa da Noite os gatos são livres. Escolhem os donos, e não o contrário. A Zoey não precisou de autorização quando a *Nala* a escolheu — disse Neferet, impassível.

John resfolegou, mas fiquei aliviada por ver que ninguém lhe ligara. Credo, é mesmo tanso.

— Posso oferecer-vos algo para beber? — Neferet apontou graciosamente para a mesa.

— Ai, Jesus! Lembrei-me das bolachas que deixei no carro. Eu e a Stevie Rae íamos agora lá buscá-las. Gostei muito de os conhecer a todos. — Depois de me abraçar rapidamente e de acenar aos outros, Stevie Rae e a mãe foram-se, deixando-me ali, por mais que eu desejasse estar noutra lugar qualquer.

Fiquei perto da Avó, de mão dada enquanto íamos para a mesa das bebidas, a pensar no quanto seria mais fácil se tivesse sido só ela a visitar-me. Olhei de esguelha para a minha mãe. Parecia que lhe tinham pintado um sobrolho franzido na cara. Olhava para os outros miúdos, e quase nunca para mim. *Porque vieste? Só me apetecia gritar-lhe. Para quê dar a entender que te ralas – que até tens saudades minhas – e depois mostrar claramente que não?*

— Vinho, Sylvia? Mr. e Mrs. Heffer? — Ofereceu Neferet.

— Sim, obrigada — respondeu a Avó.

Os lábios apertados de John mostravam o desagrado dele.

— Não. Nós não bebemos.

Fiz um esforço sobre-humano para não revirar os olhos. Desde quando é que ele não bebia? Apostava os últimos cinquenta dólares que tinha na conta-poupança em como, naquele momento, havia um pacote com seis latas de cerveja no frigorífico lá de casa. E

a minha mãe costumava beber vinho, tal como a Avó. Até a vi a olhar com inveja para a Avó quando esta provou o vinho rico que Neferet lhe servira. Mas *não*, eles não bebiam. Em público não, pelo menos. Hipócritas.

— Então estava a dizer que o acréscimo à Marca da Zoey se deu porque ela fez algo especial? — A Avó apertou-me a mão. — Ela disse-me que foi nomeada líder das Filhas das Trevas, mas não me contou como tudo aconteceu.

Senti-me outra vez tensa. Não queria ter de lidar com a cena se a minha mãe e John soubessem o que realmente acontecera: que a antiga líder das Filhas das Trevas invocara um círculo na noite de Todos os Santos (denominada Samhain na Casa da Noite, a noite em que o véu entre o nosso mundo e o dos espíritos é mais ténue), conjurara espíritos vampyros aterradores, e depois perdera o controlo quando o meu ex-namorado humano, Heath, aparecera à minha procura. E não queria *nada* que se falasse naquilo que só duas pessoas sabiam – que Heath aparecera à minha procura porque eu provara do sangue dele, e ele estava a ficar apanhadinho por mim, coisa que acontece facilmente aos humanos quando se envolvem com vamps – até com vamps iniciados, já agora. Por conseguinte, a líder das Filhas das Trevas, Afrodite, perdeu completamente o controlo dos fantasmas e eles iam devorar o Heath. Literalmente. Pior – também se portavam como se quisessem tirar-nos um bocado a nós, incluindo à brasa do Erik Night, o miúdo vampe que me apraz informar não ser meu *ex*-namorado, mas com quem tenho andado e que, por conseguinte, é meu *quase*-namorado. Seja como for, tinha de fazer alguma coisa, pelo que, com a ajuda de Stevie Rae, Damien e das Gémeas, invoquei o meu próprio círculo, recorrendo ao poder dos cinco elementos: vento, fogo, água, terra e espírito. Com a afinidade que tinha com eles, consegui expulsar os fantasmas para onde quer que eles vivam (ou morram?). Eles desapareceram e eu fiquei com tatuagens novas, uma colecção delicada de espirais cor de safira, finas como rendas, a emoldurarem-me o rosto – completamente inédito numa mera iniciada – e Marcas a condizer, entremeadas com símbolos parecidos com runas nos ombros, coisa que nem

vampe nem iniciado jamais teve. Depois Afrodite foi desmascarada como líder perversa que era, fazendo com que Neferet a demitisse e me pusesse em seu lugar. Assim sendo, também estou em formação para ser Sumo-Sacerdotisa de Nyx, a Deusa vampyrya, personificação da Noite.

Nada disto cairia bem à minha Mãe e a John, ultra-religiosos, ultra-intransigentes.

— Bem, houve um pequeno incidente. Graças à rápida reacção e à coragem da Zoey, ninguém se magoou e, em simultâneo, ela assimilou uma afinidade especial que lhe foi concedida para receber energia dos cinco elementos. — Neferet sorria orgulhosamente e eu senti uma onda de felicidade por ter a aprovação dela. — A tatuagem é simplesmente um sinal exterior do favorecimento que ela encontrou junto da Deusa.

— O que está a dizer é blasfémia. — John falou em voz tensa e entrecortada, que mesmo assim conseguiu soar condescendente e irritada. — Está a pôr a alma imortal dela em perigo.

Neferet virou os seus olhos cor de musgo para ele. Não parecia irritada, até parecia divertida.

— O senhor deve pertencer aos Anciãos do Povo da Fé.

Ele enfunou o peito como um pássaro.

— Pois pertenço.

— Então é melhor que nos entendamos já, Mr. Heffer. Não me passaria pela cabeça ir a sua casa, ou à sua igreja, e fazer pouco das suas crenças, embora discorde profundamente delas. Ora, não espero que tenha o mesmo culto do que eu. Na verdade, nem nunca me passaria pela cabeça tentar desviá-lo das suas convicções, embora tenha um compromisso sério e permanente com a minha Deusa. Por conseguinte, só insisto que tenha para comigo a mesma cortesia que eu já lhe demonstrei. Quando estiver na minha «casa», há-de respeitar as minhas crenças.

Os olhos de John semicerraram-se maldosamente e os maxilares retesaram-se.

— O seu modo de vida é pecaminoso e errado — disse ele ferozmente.

— Diz um homem que admite venerar um Deus que condena o prazer, que relega as mulheres para papéis em que pouco mais são do que criadas e parideiras, embora sejam o sustentáculo da sua igreja, e que pretende controlar o seu culto por via da culpa e do medo. — Neferet riu-se baixinho, mas o som que fez não tinha humor e era um aviso que me fez ficar toda arrepiada. — Tenha cuidado com os juízos que faz dos outros; talvez devesse limpar a sua própria casa primeiro.

Muito corado, John respirou fundo e abriu a boca para aquilo que eu sabia ser um sermão feio sobre a rectidão das crenças dele e o erro crasso de todas as outras, mas antes disso Neferet calou-o. Não falava mais alto, mas a voz estava eivada do poder de uma Sumo-Sacerdotisa e eu estremeci de medo, embora a ira dela não se dirigisse a mim.

— Tem duas opções. Pode visitar a Casa da Noite enquanto convidado, respeitar assim os nossos costumes e guardar o seu desagrado e a suas sentenças só para si. Ou pode ir-se embora e nunca mais voltar. *Decida agora.* — Estas últimas palavras gelaram-me e tive de fazer um grande esforço para não me encolher toda. Reparei que a minha mãe estava de olhos arregalados e vítreos a contemplar Neferet, branca como a cal da parede. A cara de John estava da cor contrária. Tinha os olhos pequeninos e as faces num tom encarnado muito feio.

— Linda — disse ele entre dentes. — Vamo-nos embora. — Depois olhou para mim com tal expressão de asco e ódio que dei mesmo um passo para trás. Quer dizer, sabia que ele não gostava de mim, mas até àquele momento, não percebera a que ponto. — Este sítio é aquilo que tu mereces. Eu e a tua mãe não voltaremos. Agora estás por tua conta. — Girou nos calcanhares na direcção da porta. A minha mãe hesitou, e por um segundo achei que até ia dizer alguma coisa simpática – que pedia desculpa por ele – ou que tinha saudades minhas – ou que eu não me ralasse, que ela voltaria desse por onde desse.

— Zoey, nem acredito naquilo que tu te meteste agora. — Abanou a cabeça e, como sempre, foi atrás de John e saiu da sala.

— Oh, querida, tenho tanta pena — a Avó abraçou-me logo e sussurrou palavras de conforto. — Eu volto, pequenina, prometo. E tenho tanto orgulho em ti! — Segurou-me nos ombros e sorriu por entre as lágrimas. — Os nossos antepassados cherokee também se orgulham de ti. Sinto-o. Foste tocada pela Deusa, e tens a lealdade dos teus amigos — olhou para Neferet e acrescentou:

— E professores sábios. Um dia até poderá ser que possas perdoar à tua mãe. Até lá, lembra-te de que és a filha do meu coração, *u-we-tsi a-ge-hu-tsa*. — E deu-me um beijo. — Também tenho de me ir embora. Trouxe o teu carrinho para cá, e vou-to deixar, pelo que tenho de ir com eles. — Passou-me as chaves do meu Carocha clássico. — Nunca te esqueças que te adoro, Zoeybird.

— Eu também te adoro, Avó — disse eu, e beijei-a também, abracei-a com força e respirei várias vezes o aroma dela, como se pudesse retê-lo nos pulmões e exalá-lo lentamente durante o mês seguinte, quando tivesse saudades dela.

— Adeus, querida. Telefona-me quando tiveres ocasião. — Tornou a beijar-me e foi-se embora.

Acompanhei-a com o olhar, e só percebi que chorava quando as lágrimas me chegaram ao pescoço. Até me esquecera que Neferet estava a meu lado, pelo que apanhei um susto quando ela me passou um lenço de papel.

— Tenho muita pena, Zoey — disse ela baixinho.

— Pois eu não. — Assoei-me e limpei a cara, antes de olhar para ela. — Obrigada por lhe fazer frente.

— Não queria mandar a tua mãe embora também.

— E não mandou. Ela preferiu ir com ele. Como tem feito há mais de três anos. — Senti no fundo da garganta o calor das lágrimas que ameaçavam surgir e falei depressa, para as reprimir. — Ela não era assim. É uma estupidez, eu sei, mas estou sempre à espera que ela volte a ser o que era. Mas nunca acontece. É como se ele tivesse matado a minha mãe e posto uma estranha no corpo dela.

Neferet pôs um braço nos meus ombros.

— Gosto do que a tua avó disse, que talvez um dia possas encontrar maneira de perdoar a tua mãe.

Olhei para a porta por onde os três acabavam de desaparecer.

— Esse dia está muito longe.

Neferet apertou-me o ombro, compreensiva.

Olhei para ela, contente por a ter ali, e desejei – pela milionésima vez – que ela fosse minha mãe. Depois lembrei-me do que me contara há quase um mês, que a mãe dela morrera quando ela era pequena, e que o pai abusara dela, física e mentalmente, até ela ser salva quando fora Marcada.

— Já perdoou ao seu pai? — Perguntei, hesitante.

Neferet olhou para mim e pestanejou várias vezes, como se voltasse lentamente de uma recordação que a levava para muito longe.

— Não. Nunca lhe perdoei, mas quando penso nele agora, é como se recordasse a vida de outra pessoa. As coisas que ele me fez, fez a uma criança humana, e não a uma Sumo-Sacerdotisa e uma vampyra. E para uma Sumo-Sacerdotisa e uma vampyra ele, como a maioria dos humanos, é completamente inconsequente.

As palavras eram fortes e seguras, mas quando olhei para as profundezas dos seus lindos olhos verdes, vi a centelha de algo antigo e doloroso, e definitivamente não esquecido, e pensei se ela estaria a ser sincera consigo mesma...



SEGUNDO CAPÍTULO

Fiquei muitíssimo aliviada quando Neferet disse não haver motivo para eu estar na sala de recepções. Após a cena com a minha família, senti que toda a gente estava a olhar para mim. Afinal, eu era a rapariga das Marcas esquisitas e da família de pesadelo. Saí da sala de recepções pelo caminho mais curto – o passeio que dava para o exterior, por um pátiozinho bonito onde se viam as janelas da sala de jantar.

Pouco passava da meia-noite, o que era – pois – uma hora completamente estranha para as visitas dos pais, mas as aulas da escola começam às oito da noite e terminam às 3 da manhã. À primeira vista, pareceria fazer mais sentido que as visitas dos pais comessem às oito, ou até uma hora antes de as aulas começarem, mas Neferet explicara-me que o que interessava era levar os pais a aceitarem a Mudança dos filhos, e a compreenderem que as noites e os dias seriam diferentes dos deles, para sempre. Por mim, cheguei à conclusão que outra vantagem das horas inconvenientes era dar aos pais uma desculpa para não aparecerem, sem terem de dizer frontalmente aos filhos, *Ouve – Não quero ter nada a ver contigo agora que te estás a transformar num monstro sedento de sangue.*

Era uma pena que os meus pais não tivessem aproveitado essa escapatória.

Suspirei e abrandei, demorei-me nos caminhos sinuosos do pátio. Estava uma noite fresca e límpida de Novembro. A Lua estava quase cheia, e o luar prateado contrastava com os candeeiros a gás antigos que iluminavam o pátio com clarões suaves e amarelados. Ouvia-se a fonte que estava no meio do jardim, e mudei automaticamente de direcção para lá ir. Talvez o barulho calmante da água me ajudasse a acalmar... e a esquecer.

Quando fiz a curva que levava à fonte já ia devagar, e a pensar no meu novo quase-namorado, o delicioso Erik. Estava fora da escola, tinha ido ao concurso anual de monólogos de Shakespeare. Claro que primeiro ganhara na nossa escola, e passara facilmente para o concurso internacional das Casas da Noite. Estávamos a uma quinta-feira, e ele só se fora embora na segunda anterior, mas eu já tinha imensas saudades dele, e mal podia esperar pelo regresso dele no domingo. Erik era o rapaz mais perdido de bom da nossa escola. Raios, Erik Night bem podia ser o rapaz mais giro de qualquer escola. Era alto, moreno e bem-parecido – como uma estrela de cinema clássico (sem as tendências homossexuais latentes). Também tinha imenso talento. Não tardaria a poder ombrear com outras estrelas de cinema vapes, como Matthew McConaughey, James Franco, Jake Gyllenhaal e Hugh Jackman (que é completamente lindo para a idade que tem). Além disso, Erik era mesmo boa pessoa – o que só ajudava ao seu carisma.

Por conseguinte, admito que estava a ter visões em que Erik era Tristão e eu era Isolda (só que a nossa história de amor teria final feliz), e que não reparei haver mais gente no pátio, até ouvir uma voz masculina que me chocou por ser tão desagradável e maldosa.

— És uma desilusão pegada, Afrodite!

Fiquei ali especada. Afrodite?

— Já não bastava teres sido Marcada e não poderes ir para Chatham Hall, especialmente depois de tudo o que fiz para garantir o teu ingresso — disse uma voz feminina, fria e entrecortada.

— Mãe, já sei. Já pedi desculpa.

Pronto, eu devia ir-me embora dali. Devia dar meia volta e sair rápida e silenciosamente do pátio. A Afrodite devia ser a pessoa de quem eu menos gostava da escola. Aliás, Afrodite devia ser a pessoa de quem eu menos gostava em qualquer lado, mas deixar-me ficar a ouvir aquilo que era claramente uma cena entre ela e os pais, era coisa que não se fazia.

Por conseguinte, afastei-me um bocadinho em bicos de pés, para onde me podia esconder melhor atrás de um arbusto, e ver bem o que se estava a passar. Afrodite estava sentada no banco de pedra mais perto da fonte. Os pais estavam de pé diante dela. Bem, a mãe estava de pé. O pai andava de um lado para o outro.

Caraças, os pais dela eram mesmo bem-parecidos. O pai era alto e bonito. O tipo de homem que se mantém em forma, que ainda não perdeu o cabelo, que tem bons dentes. Tinha um fato escuro que devia ter custado uma pipa de massa. Também não me era estranho, devia tê-lo visto na televisão ou coisa assim. A mãe era linda. Quer dizer, Afrodite era loura e perfeita, e a mãe era uma versão mais velha, mais bem arranjada e vestida. A camisola que tinha era obviamente de caxemira, e as pérolas grandes e verdadeiras. De cada vez que mexia as mãos, via-se o brilho de um diamante enorme em forma de pêra, um brilho frio e bonito como a voz dela.

— Já te esqueceste que o pai é presidente da câmara de Tulsa? — Perguntou a mãe de Afrodite, maldosamente.

— Não, não, claro que não, Mãe.

Parecia que a mãe não ligava.

— Já foi difícil explicar decentemente o facto de estares aqui e não na Costa Leste a preparares-te para Harvard, mas consolámo-nos com o facto de os vampyros poderem ter dinheiro e poder e sucesso, e esperávamos que dominasses este — parou de falar e fez uma careta — sítio tão especial. E agora ficamos a saber que já não és líder das Filhas das Trevas, que foste retirada da formação para Sumo-Sacerdotisa, o que faz de ti igual à escumalha desta escola maldita. — A mãe de Afrodite hesitou, como se precisasse de se acalmar antes de prosseguir. Quando tornou a falar, tive de apurar o ouvido, pois ela sussurrava, sibilante.

— O teu comportamento é inaceitável.

— Já disseste isso, Pai — disse Afrodite, num tom que era o habitual, armada em espertalhona.

Como uma cobra que ataca, a mãe esbofeteou Afrodite com tanta força que o estalido de pele contra pele me fez dar um salto e fazer uma careta. Já esperava ver Afrodite saltar do banco e lançar-se ao pescoço da mãe (com franqueza – não lhe chamamos megera do inferno por nada), mas não o fez. Levou a mão à face e baixou a cabeça.

— Não chores. Já te disse que chorar é sinal de fraqueza. Pelo menos faz uma coisa bem e não chores — admoestou a mãe.

Afrodite levantou a cabeça devagar e tirou a mão da cara.

— Não te queria desiludir, Mãe. Tenho muita pena.

— Ter pena não resolve nada — disse a mãe. — Queremos saber o que vais fazer para recuperares o teu cargo.

Sustive o fôlego, nas sombras.

— Eu – eu não posso fazer nada — balbuciou Afrodite, com ar perdido e, subitamente, muito jovem. — Fiz borrada. A Neferet apanhou-me. Tirou-me as Filhas das Trevas e deu-as a outra pessoa. Acho que até está a pensar em transferir-me para outra Casa da Noite.

— Já sabemos disso! — Gritou a mãe, marcando bem as palavras, que pareciam assim ser de gelo.

— Falámos com Neferet antes de te encontrarmos. Ela ia transferir-te para outra escola, mas nós intercedemos. Ficarás nesta escola. Também tentámos fazer-lhe ver que te devia dar o cargo após um tempo de restrição ou castigo qualquer.

— Oh, Mãe, não fizeram...

Afrodite parecia horrorizada, e eu não podia censurá-la. Só me restava imaginar a impressão que aqueles pais frios armados em perfeitos tinham causado na nossa Sumo-Sacerdotisa. Se Afrodite ainda tivesse a menor hipótese de voltar às boas graças de Neferet, os horrorosos dos pais deviam ter estragado tudo.

— Claro que fizemos! Achavas que ficávamos sentados enquanto destruías o teu futuro por seres uma vampyra anónima numa Casa da Noite qualquer no estrangeiro? — Perguntou a mãe.

— Mais do que já estragaste — acrescentou o pai.

— Mas não se trata de eu ficar numa espécie de restrição típica de liceu — disse Afrodite, obviamente a tentar controlar a frustração e a tentar fazer-lhes ver. — Fiz borrada. Mesmo. Como se não bastasse, há uma rapariga cujos poderes são mais fortes do que os meus. Mesmo que Neferet deixe de estar zangada comigo, não me vai devolver as Filhas das Trevas. — Depois Afrodite disse uma coisa que me deixou completamente chocada. — A outra rapariga é melhor líder do que eu. Percebi isso no Samhain. Ela merece ser chefe das Filhas das Trevas. Eu não.

Oh meu Deus. Será que o Inferno acabou de congelar?

A mãe de Afrodite aproximou-se dela e eu encolhi-me também, na certeza de que lhe ia bater outra vez. Mas não. Inclinou-se para que o seu bonito rosto ficasse mesmo em frente ao da filha. De onde eu estava eram tão parecidas que até metia medo.

— *Nunca mais* digas que alguém merece qualquer coisa mais do que tu. És minha filha, e merecerás sempre o melhor. — Depois endireitou-se e passou a mão pelo cabelo impecável, embora eu tivesse a certeza de que o cabelo não se atreveria a despentear-se. — Não pudemos convencer Neferet a devolver-te o cargo, pelo que vais ter de ser tu a convencê-la.

— Mas, Mãe, já te disse... — começou ela, mas o pai interrompeu-a.

— Desenvencilha-te da rapariga nova e o mais certo será Neferet reinstituí-la.

Ah, caraças. A «rapariga nova» era eu.

— Há que desacreditá-la. Fazê-la cometer erros, e depois assegura-te de que outra pessoa qualquer informa Neferet disso, não tu. Parece melhor assim. — A mãe falava em tom casual, como se conversasse sobre a roupa que Afrodite vestiria amanhã, em vez de conspirar contra mim. Credo, mas que megera do inferno!

— E porta-te bem. O teu comportamento tem de ser irrepreensível. Talvez devas ser mais franca com as tuas visões, pelo menos por algum tempo — instruiu o pai.

— Mas há anos que o pai me diz que eu tenho de ocultar as visões, pois são a base do meu poder.

Mal podia acreditar nos meus ouvidos! Há um mês, Damien dissera-me que vários dos miúdos pensavam que Afrodite tentava esconder de Neferet algumas das visões que tinha, mas achavam que era por ela odiar humanos – e as visões de Afrodite eram sempre sobre qualquer tragédia futura em que morriam humanos. Quando ela contava as visões a Neferet, a Sumo-Sacerdotisa podia quase sempre impedir a tragédia e salvar vidas. Por conseguinte, o facto de Afrodite sonegar informação sobre as visões que tinha fora uma das coisas que me levava a tirar-lhe o cargo nas Filhas das Trevas. Não tenho sede de poder. Nem sequer queria o cargo. Raios me partam, ainda nem sabia bem o que fazer dele. Sabia apenas que Afrodite era má, e que tinha de fazer algo para a deter. Agora acabava de saber que parte da borrada que ela fazia era por deixar os odiosos dos pais mandarem nela! A mãe e o pai dela achavam mesmo que não fazia mal sonegar informações que podiam salvar vidas. E o pai era presidente da câmara de Tulsa! (não admira que a cara dele não me fosse estranha). Era tudo tão bizarro que até me doía a cabeça.

— As visões não são a *base* do teu poder! — Ralhava o pai.
— Mas tu não ouves? Eu disse que as tuas visões podiam ser usadas para *ganhar* poder porque a informação é sempre uma coisa poderosa. A base das tuas visões é a Mudança que ocorre no teu corpo. É genética, mais nada.

— Presume-se que seja um dom da Deusa — disse Afrodite calmamente.

O riso da mãe era frio.

— Não sejas estúpida. Se houvesse realmente uma deusa, porque razão é que ela te daria poderes a *ti*? Não passas de uma criança ridícula, e com propensão a errar, como provou mais uma vez aquela tua escapadela. Portanto, sê inteligente, por uma vez na vida, Afrodite. Usa as tuas visões para voltares às boas graças de Neferet, mas com humildade. Tens de a fazer crer que te arrependeste.

Quase não ouvi Afrodite sussurrar — E arrependi...

— Esperamos notícias muito melhores no mês que vem.

— Sim, Mãe.

— Ótimo, agora leva-nos à sala de recepções para poder-mos conviver.

— Não posso ficar aqui um bocadinho? Não me estou a sentir nada bem.

— Evidentemente que não. O que haviam de dizer? — Recusou a mãe. — Recompõe-te. Vais acompanhar-nos à sala e vais ser simpática. Já.

Afrodite levantava-se lentamente e eu, com o coração a bater tanto que tive medo me pudesse denunciar, arreepei caminho à pressa até à bifurcação que saía do pátio. Depois praticamente saí do jardim a correr.

Fui o caminho todo até ao dormitório a pensar no que ouvira. Achava eu que os meus pais eram um pesadelo, quando afinal mais pareciam a mãe e o pai de *The Brady Bunch* (pois é – eu também vejo o *Nickelodeon* como toda a gente), comparados com os pais sedentos de poder e horrorosos de Afrodite. Por mais que me custasse admitir, o que vi naquela noite fez-me compreender as atitudes de Afrodite. Quer dizer, como é que eu seria se não tivesse a Avó Redbird para me amar e proteger e ajudar a ter dignidade nos últimos três anos? E havia mais uma coisa. A minha mãe costumava ser normal. Claro que andava sempre aflita e sobre-carregada, mas fora normal os primeiros treze anos dos quase dezassete que eu já vivera. Só depois de se casar com John é que ela mudara. Por conseguinte, eu tivera uma boa mãe, e tinha uma avó fantástica. E se assim não fosse? E se eu só conhecesse a vida que tivera nos últimos três anos – ser uma estranha indesejada na minha própria família?

Poderia ter ficado como Afrodite, e poderia deixar que os meus pais mandassem em mim ainda, por ansiar desesperadamente ser boazinha, que se orgulhassem de mim para que, um dia, me amassem verdadeiramente.

Fez-me ver Afrodite de uma maneira completamente nova, coisa que não me encantou por aí além.



TERCEIRO CAPÍTULO

Pois, Zoey, compreendo o que estás a dizer, mas francamente! Parte do que ouviste é que a Afrodite vai tentar tramar-te para te expulsar das Filhas das Trevas, por isso não sintas assim tanta pena dela — afirmou Stevie Rae.

— Eu sei, eu sei. Não estou a ficar toda derretida por ela. Estou só a dizer que, depois de ouvir os tarados dos pais, compreendo a maneira de ser dela.

Íamos para a primeira aula. Bem, na verdade, eu e Stevie Rae já praticamente corríamos para a primeira aula. Como sempre, estávamos atrasadas. Eu sabia que não devia ter comido mais uma tigela de *Conde Chocula*.

Stevie Rae revirou os olhos.

— E dizes tu que eu sou boazinha.

— Não estou a ser boazinha. Estou a ser compreensiva. Mas a compreensão não altera o facto de Afrodite se portar como uma cabra megera do inferno.

Stevie Rae resfolegou e abanou a cabeça, sacudindo os caracóis como se fosse uma menina. O cabelo curto dela era invulgar na Casa da Noite, onde toda a gente, até a maioria dos rapazes, tinha cabelo ridiculamente comprido e grosso. Pronto, o meu sempre

foi comprido, mas mesmo assim – foi mesmo esquisito quando cá cheguei e fui bombardeada com cabelo, cabelo, e mais cabelo. Agora fazia perfeitamente sentido. Parte da Mudança física que se dá quando passamos a ser vampyros consiste num crescimento anormalmente rápido do cabelo e das unhas. Depois de ganhar prática, sabemos dizer a que ano pertence um iniciado sem ter de olhar para o brasão da farda. Os vampyros têm um aspecto diferente dos humanos (diferente não quer dizer mau), pelo que tem toda a lógica que, à medida que uma iniciada passa pela Mudança, o corpo dela pareça diferente também.

— Zoey, não estás a ligar nenhuma.

— Há?

— Eu disse para não baixares a guarda contra Afrodite. Sim, ela tem pais horrorosos. Sim, são mandões e manipuladores. Enfim. Ela não deixa de ser odiosa e má e vingativa. Cuidado com ela.

— Não te aflijas, vou ter cuidado.

— Pronto, ótimo. Encontramo-nos na terceira aula.

— Até logo — disse eu já ela virara costas. Credo, afligia-se com tudo.

Corri para dentro da sala, e acabara de me sentar ao lado de Damien, que ergueu o sobrolho para mim e perguntou — Mais uma manhã de duas tigelas? — quando deu o toque e Neferet entrou na sala.

Pronto, já sei que é esquisito (talvez invulgar seja um termo mais adequado) estar sempre a salientar a beleza de uma mulher quando se é mulher também, mas a Neferet é tão linda que parece que tem a capacidade de atrair a ela toda a luz da sala. Tinha um vestido preto simples e umas botas pretas espectaculares. Tinha os brincos de prata representativos do caminho da Deusa e, como sempre, a Deusa bordada a prata por cima do coração. Não se parecia bem com a Deusa Nyx – a qual eu juro ter visto numa visão no dia em que fui Marcada – mas tinha a aura divina de força e confiança. Pronto, vou admitir. Queria ser como ela.

O dia foi invulgar. Em vez de dar a aula durante a maior parte do tempo (e não, é espantoso, mas Neferet nunca dá aulas

aborrecidas), mandou-nos escrever um ensaio sobre a Górgone, que estudáramos a semana toda. Aprendemos que, na verdade, ela não fora nenhum monstro que transformasse homens em pedra com um olhar seu. Fora uma Sumo-Sacerdotisa vampyra famosa, e o dom que a Deusa lhe dera era uma afinidade, ou uma ligação especial, com a terra, e será daí que vem o mito da «transformação em pedra». Tenho a certeza de que, se uma Sumo-Sacerdotisa vampyra se zangasse muito e tivesse uma ligação mágica com a terra (as pedras vêm *realmente* da terra), poderia facilmente fazer granito de alguém. Por conseguinte, o ensaio devia ser sobre mito e simbolismo, e o significado subjacente à ficcionalização da história da Górgone.

Porém, eu estava inquieta de mais para poder escrever. Mais, tinha o fim-de-semana todo para terminar o ensaio. Estava muito mais ralada com as Filhas das Trevas. A Lua Cheia seria no domingo. Esperava-se que eu liderasse o ritual para as Filhas das Trevas. Percebera que toda a gente esperava também que eu anunciasse as alterações que tencionava fazer. Hum, precisava de ter alguma ideia dessas alterações. Aliás, até tinha uma noção do que queria, mas precisava mesmo de ajuda.

Ignorei o olhar curioso de Damien quando agarrei rapidamente no caderno e fui à secretária de Neferet.

— Problemas, Zoey?

— Não. Hum, sim. Bem, na verdade, se me deixasse ir ao centro multimédia o resto da aula, o meu problema tenderia a desaparecer. — Percebi que estava nervosa. Só estava na Casa da Noite há um mês, e ainda não sabia bem qual o protocolo para sair mais cedo de uma aula. Quer dizer, só houvera dois miúdos o mês todo a ficarem doentes. E tinham morrido. Os dois. Os corpos tinham rejeitado a Mudança, um deles acontecera mesmo à minha frente na aula de Literatura. Fora um nojo. No entanto, tirando um miúdo ou outro a morrer, os alunos nunca faltavam às aulas. Neferet observava-me, e lembrei-me de que ela era intuitiva, e provavelmente podia sentir a tagarelice ridícula que me ia na cabeça. Suspirei.

— Coisas das Filhas das Trevas. Quero arranjar novas ideias de liderança.

Ela fez um ar apreciativo.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Provavelmente, mas primeiro tenho de fazer pesquisa e organizar as ideias.

— Muito bem, vem ter comigo quando estiveres preparada. E podes passar o tempo que quiseres no centro multimédia — disse Neferet.

Hesitei. — Preciso de cartão?

Ela sorriu. — Sou tua orientadora e dei-te autorização, de que mais podes precisar?

— Obrigada — disse eu, e saí da sala à pressa, a sentir-me estúpida. Seria um alívio estar na escola há tempo suficiente para saber as normas todas. Seja como for, não sei porque é que estava tão ralada. Os corredores estavam desertos. Ao invés da minha antiga escola (South Intermediate High School em Broken Arrow, estado do Oklahoma – uma enorme seca de subúrbio de Tulsa), ali não havia Complexo de Napoleão, delegados de turma demasiado bronzeados, sem mais que fazer além de rondar os corredores e ralhar com os miúdos. Abrandei e convenci-me a descontraír – credo, andava mesmo stressada.

A biblioteca ficava na área central da escola, numa sala de vários pisos muito gira que fora construída para imitar o torreão de um castelo, o que combinava com a temática do resto da escola. Parecia tudo uma coisa saída do passado. Devia ser uma das razões que havia atraído os vampes cinco anos antes. Nessa altura era um liceu para miúdos ricos e convencidos, mas na origem fora um mosteiro para os monges do Povo da Fé da ordem de Santo Agostinho. Recordei-me de quando perguntara a Neferet como é que os vampes tinham conseguido convencer o liceu a vender, e ela me dissera que tinham feito uma proposta que o liceu não podia recusar. A recordação do tom perigoso da voz dela ainda me causava arrepios.

— *Miauf!*

Dei um salto e quase fiz chichi nas calças.

— *Nala!* Pregaste-me um susto de morte!

Nada ralada, a minha gata atirou-se para os meus braços, e

tive de fazer malabarismos com um caderno, uma mala, e uma gata parda pequena (mas rechonchuda). O tempo todo com *Nala* a queixar-se na sua vozinha rabugenta. Adorava-me, e escolhera-me mesmo para sua dona, mas tal não quer dizer que seja sempre amorosa. Mudei-a de posição, e empurrei a porta do centro multimédia.

Oh – aquilo que Neferet dissera ao traste do meu padrasto John era verdade. Os gatos andam mesmo livremente pela escola. Costumam seguir o «seu» miúdo até às aulas. *Nala*, em especial, gosta de me aparecer à frente várias vezes ao dia. Insiste para que eu lhe coce a cabeça, queixa-se um bocadinho, e depois desaparece e vai fazer o que os gatos fazem no seu tempo livre (conspirar para dominar o mundo?).

— Precisas de ajuda com ela? — Perguntou a especialista de multimédia. Eu vira-a na minha semana de orientação, e lembrei-me de que se chamava Safo (hum, não era a Safo verdadeira – a poeta vampyra que morrera há coisa de mil anos – estamos agora a estudar a obra dela em Literatura).

— Não, Safo, mas obrigada. A *Nala* não gosta de ninguém a não ser de mim.

Safo, uma vampe pequenina de cabelo castanho-escuro, cujas tatuagens elaboradas eram hieróglifos gregos, dissera-me Damien, sorriu afectuosamente para *Nala*.

— Os gatos são criaturas tão maravilhosas e interessantes, não achas?

Passei *Nala* para o outro ombro e ela resmungou ao meu ouvido.

— Não são nada como cães — disse eu.

— Graças à Deusa!

— Não se importa que eu use um computador? — O centro multimédia tinha filas de estantes com livros – milhares deles – mas também tinha uma sala de informática muito gira e com a melhor tecnologia.

— Claro, estás à vontade e chama-me se não encontrares o que precisas.

— Obrigada.

Escolhi um computador que estava em cima de uma secretária grande e entrei na internet. Outra coisa muitíssimo diferente da minha antiga escola. Não havia palavras-passe, nem programas que filtrassem o acesso a certos sítios. Aqui esperava-se que os alunos mostrassem bom senso e fizessem a coisa correcta – se não o fizessem, o mais certo era os vampes, a quem é quase impossível mentir, descobrirem. Só de pensar em mentir a Neferet fazia-me dores de barriga.

Concentra-te e deixa-te de parvoíces. Isto é importante.

Pronto, eu tinha uma ideia na cabeça. Era altura de ver se havia alguma pertinência nela. Abri a página do Google e introduzi «liceus privados». Apareceram milhões. Comecei a reduzir. Queria exclusivos e para a classe alta (nada daquelas «academias alternativas» que, na verdade, eram apenas viveiros de futuros criminosos – argh). Também queria liceus antigos, que existissem há gerações. Procurava uma coisa que tivesse passado a prova do tempo.

Dei facilmente com Chatham Hall, o liceu que os pais de Afrodite lhe tinham atirado à cara. Era um liceu exclusivo da Costa Leste e, caraças, parecia mesmo presumido. Fechei a janela. Qualquer sítio que os tarados dos pais da Afrodite aprovassem não era coisa que eu quisesse usar como modelo. Continuei a pesquisar... Exeter... Andover... Taft... Miss Porter's (a sério – eheh – é o nome da escola)... Kent...

— Kent. Já ouvi este nome — disse eu para *Nala*, que se enrolara em cima da secretária para me poder vigiar com os seus olhos sonolentos. Cliquei na hiperligação.

— Fica no Connecticut – por isso é que não me é estranho. Era onde a Shaunee andava quando foi Marcada. — Naveguei pela página, curiosa de ver onde Shaunee passara a primeira parte do ano de caloiira (ou terceiranista). Era uma escola bonita – não havia como negar. Presumida, claro, mas tinha qualquer coisa que a fazia parecer mais acolhedora do que outros liceus. Talvez fosse só porque eu conhecia Shaunee. Continuei a ver o sítio – e, de repente, sentei-me mais direita.

— É isto mesmo — murmurei comigo própria. — É mesmo este tipo de coisa que eu preciso.

Saquei da caneta e do caderno e comecei a tirar apontamentos. Montes de apontamentos.

...

Se *Nala* não tivesse bufado para me avisar, eu teria tido um susto de morte quando ouvi uma voz profunda atrás de mim.

— Pareces completamente absorta nisso.

Olhei por cima do ombro – e fiquei paralisada. Oh meu Deus.

— Desculpa, não queria interromper, mas é tão invulgar ver alguém a escrever fervorosamente à mão, em vez de bater teclas de computador, que até pensei que estarias a escrever poesia. Eu prefiro escrever poesia à mão. O computador é demasiado impessoal.

Pára de ser imbecil! Fala com ele! Gritava uma voz na minha cabeça.

— Eu... hum... não estou a escrever poesia. — Ai que inteligente!

— Enfim, não faz mal confirmar. Gostei de falar contigo.

Ele sorriu e começou a virar-se, e a minha boca conseguiu finalmente funcionar com algum jeito.

— Também acho os computadores muito impessoais. Nunca escrevi realmente poesia, mas quando escrevo qualquer coisa importante para mim, gosto de o fazer assim. — Como uma parvinha, mostrei-lhe a minha caneta.

— Bem, talvez devas experimentar escrever poesia. Parece que podes muito bem ter alma de poeta. — Ele estendeu a mão. — Geralmente a estas horas venho cá para a Safo fazer uma pausa. Não sou professor a tempo inteiro porque só cá estou este ano lectivo. Só dou duas aulas, por isso tempo não me falta. Sou Loren Blake, Poeta Laureado Vampyro.

Agarrei-lhe no antebraço, a saudação tradicional dos vampyros, a tentar não pensar no quanto o braço dele estava quente, no quanto ele parecia forte, e no quão sozinhos estávamos no centro multimédia vazio.

— Eu sei — disse eu. Depois só me apeteceu cortar os pulsos. Que coisa mais idiota de se dizer!

— Quer dizer, sei quem o professor é. É o primeiro Poeta Laureado dos últimos duzentos anos. — Percebi que ainda estava a agarrar-lhe no braço e larguei-o. — Chamo-me Zoey Redbird.

O sorriso dele pôs-me o coração aos pulinhos.

— Eu também sei quem tu és. — Os olhos lindos dele, tão pretos que pareciam não ter fundo, brilharam de malícia. — És a primeira iniciada a ter uma Marca colorida e expandida, e a única vamp, iniciada ou adulta, a ter afinidade com os cinco elementos. É bom conhecer-te finalmente em pessoa. A Neferet falou-me muito de ti.

— Ai sim? — Fiquei mortificada por estar a guinchar.

— Claro que sim. Tem muitíssimo orgulho em ti. — Fez um sinal de cabeça para o assento vazio ao meu lado. — Não quero interromper o teu trabalho, mas posso sentar-me aqui um bocadinho?

— Sim, claro. Preciso de uma pausa. Já tenho o rabo dormente. — Oh, Deus, matem-me!

Ele riu-se. — Então queres ficar de pé e eu sentado?

— Não, eu... eu mudo de posição. — E depois atiro-me da janela abaixo.

— Então, se não for indiscrição, posso saber em que trabalhas com tanto afínco?

Pronto, eu tinha de pensar e falar. De ser normal. De esquecer que ele devia ser o homem mais avassaladoramente bonito que eu já vira de perto em toda a minha vida. Ele dava aulas na escola. Era só mais um professor. Mais nada. Então, não! Mais um professor que parecia o sonho que qualquer mulher tem do Homem Perfeito. E Homem mesmo. Erik era giro e bonito e cheio de estilo. Loren Blake era completamente outro universo. Um universo totalmente proibido, impossivelmente *sexy* a que eu não podia ter acesso. Como se ele me visse sem ser como uma criança! Francamente. Tenho dezasseis anos. Pronto, quase dezassete, mas mesmo assim. Ele deve ter pelo menos vinte e um. Estava só a ser simpático. O mais certo era querer ver melhor as minhas Marcas esquisitas. Podia andar a fazer pesquisa para um poema altamente constrangedor sobre...

— Zoey? Se não me quiseres contar do teu trabalho não faz mal. Eu não queria incomodar.

— Não! Não faz mal. — Respirei fundo e recompus-me. — Desculpe, acho que ainda estava a pensar na pesquisa. — Menti, na esperança de que ele fosse um vampyro jovem que ainda não tivesse os poderes incríveis de detector de mentiras que os profes mais velhos têm. Continuei atabalhoadamente. — Quero alterar as Filhas das Trevas. Acho que precisam de uma base – de regras e directivas claras. Não só para entrar, mas uma vez lá, deve haver normas. Não se deve ter rédea solta para fazer o que se quiser, e ainda assim manter o privilégio de ser Filha ou Filho das Trevas. — Parei de falar, e senti-me corar e ficar com a cara muito quente. Mas que estava para ali a disparatar? Devia parecer a idiota da escola.

Porém, e em vez de se rir de mim, ou pior, dizer qualquer coisa condescendente e ir-se embora, parecia que ele estava a ponderar o que eu dissera.

— Então e que descobriste?

— Bem, gosto da maneira como este liceu privado, Kent, tem o grupo de líderes estudantis organizado. Veja só — cliquei na hiperligação e li o texto em voz alta.

— «O Conselho de Séniores e o Sistema de Prefeitos faz parte integrante da vida em Kent». — Fiz da caneta um ponteiro para o monitor. — Há vários Prefeitos diferentes, e são eleitos para cada Conselho anual pelos alunos e pela faculdade, mas a decisão final cabe ao Reitor – no nosso caso, a Neferet – e ao Prefeito Sénior.

— Que serias tu — disse ele.

Senti-me corar. Outra vez.

— Pois. Também diz que, no mês de Maio, são «Designados» novos membros do Conselho para possíveis nomeados ao ano lectivo seguinte, e que há uma grande cerimónia de comemoração. — Sorri e continuei, mais para mim mesma do que para ele:

— Parece um ritual novo que Nyx poderá apreciar. — Quando disse as palavras, senti a pertinência delas dentro de mim.

— Agrada-me — disse Loren. — Acho que é uma óptima ideia.

— A sério? Não está a falar só por falar?

— Tens que saber uma coisa a meu respeito. Não minto.

Fitei-o. Os olhos pareciam insondáveis. Estava sentado tão

perto de mim que lhe podia sentir o calor do corpo. Tive que disfarçar um arrepio quando senti um assomo de desejo proibido.

— Bem, obrigada — disse eu baixinho. De repente, senti coragem, e continuei. — Quero que as Filhas das Trevas representem mais do que um grupo social. Quero que dêem o exemplo — que façam as coisas acertadas. Por isso, ocorreu-me que todas nós temos de prestar juramento em como defendemos cinco ideais, que por seu turno representam os cinco elementos.

Ele ergueu o sobrolho. — O que tens em mente?

— As Filhas e os Filhos das Trevas devem jurar ser autênticos, para o ar, fiéis, para o fogo, ajuizados, para a água, telúricos, para a terra, e sinceros para o espírito. — Terminei sem olhar para os apontamentos. Já sabia os cinco ideais de cor. Pus-me a observá-lo. Não disse nada durante um bocado. Depois, lentamente, estendeu a mão e passou um dedo pela linha fluida da minha tatuagem. Quis tremer com o toque dele, mas não me conseguia mexer.

— Bela e inteligente e inocente — sussurrou ele. Depois daquela voz incrível declamou: — *O melhor aspecto da beleza é aquele que nenhuma imagem pode exprimir.*

— Lamento muito interromper, mas tenho mesmo que pedir os três livros seguintes desta série para a Professora Anastasia.

A voz de Afrodite quebrou o encanto entre mim e Loren, e quase me causou um ataque cardíaco. Loren até parecia tão abalado quanto eu. Deixou cair a mão que levava ao meu rosto e foi depressa para o balcão da biblioteca. Fiquei ali sentada como se estivesse colada à cadeira, a tentar parecer ocupada e a escrever mais apontamentos (gatafunhos, isso sim). Ouvi Safo voltar ao trabalho e pegar nos livros que Loren estava a tratar com Afrodite. Ouvi-o ir-se embora e, como se não pudesse evitar, virei-me e olhei para ele. Ia a sair pela porta e não me estava a ligar nenhuma.

Mas Afrodite olhava para mim frontalmente com um sorriso malvado nos lábios perfeitos.

Raios me partam.



QUARTO CAPÍTULO

Queria contar a Stevie Rae acerca do que acontecera com Loren, e de Afrodite nos ter interrompido, mas não estava disposta a fazê-lo ao pé de Damien e das Gémeas. Claro que também eram meus amigos, mas eu mal tivera tempo de digerir o que se passara, e só de pensar nos três a palrarem disso que nem loucos me apetecia fugir. Especialmente dado que as Gémeas tinham mudado os horários delas para ir à opção de Poesia de Loren, e tinham admitido passar a aula inteira, todos os dias, a olhar para ele. Iriam ficar completamente passadas quando lhes contasse o que acontecera (e acontecera alguma coisa? Quer dizer, o tipo só me mexera na cara).

— Que se passa contigo? — Perguntou Stevie Rae.

A atenção que os quatro tinham dedicado a tentar saber se havia um cabelo na salada de Erin, ou se era apenas um daqueles fios estranhos que o aipo tem, passou imediatamente para mim.

— Nada, estou só a pensar no Ritual da Lua Cheia de domingo. — Olhei para os meus amigos. Olhavam-me com olhos de quem acredita piamente que eu arranjará maneira, e não faria figura de parva. Quem me dera ter a confiança que eles depositavam em mim.

— Então, o que vais fazer? Já decidiste? — Perguntou Damien.

— Acho que sim. Já agora, o que é que vocês acham desta ideia... — Lancei-me a explicar a ideia do Conselho e dos Prefeitos, e apercebi-me, a meio do relato, de que até era um plano muito bom. Terminei com os quatro ideais, cada qual aliado a um elemento.

Ninguém disse nada. Já começava a ralar-me quando Stevie Rae me abraçou com força.

— Oh, Zoey! Vais ser uma Sumo-Sacerdotisa fantástica. Damien estava todo comovido e a voz falhava-lhe. Era amoroso.

— Sinto-me na corte de uma rainha grandiosa.

— Ou podes ser tu a rainha grandiosa — disse Shaunee.

— Sua Majestade Damien... ehehhe — disse Erin, a rir-se.

— Minha gente... — avisou Stevie Rae.

— Desculpem — disseram as Gémeas em unísono.

— Era bom de mais para poder resistir — disse Shaunee. — Mas a sério, adoramos a ideia.

— Pois, parece uma maneira excelente de manter as megeras afastadas — corroborou Erin.

— Bem, essa é outra coisa de que preciso falar convosco. — Respirei fundo. — Acho que sete é um número bom para o Conselho. Bom tamanho, e será impossível haver empate. — Eles assentiram.

— Portanto, tudo o que eu andei a ler – não só sobre as Filhas das Trevas, mas sobre grupos de líderes estudantis em geral – diz que os membros do Conselho são de anos mais avançados. Aliás, o Prefeito Principal, que seria eu, é um, bem, sénior, e não um caloiro.

— Gosto mais do título terceiranista. Soa mais velho — disse Damien.

— Seja o que for que lhe chamemos, ainda é uma anomalia que sejamos tão novos, o que significa que precisamos de dois miúdos mais velhos no Conselho connosco.

Houve uma pausa, e depois Damien disse:

— Eu nomeio o Erik Night.

Shaunee revirou os olhos.

Erin disse:

— Pronto, quantas vezes temos de te explicar isto: que o

rapaz não joga na tua equipa. Ele gosta de mamas e vaginas, e não de pénis e an...

— Parem! — Não me apetecia mesmo nada começar aquela conversa.

— Acho que o Erik Night é boa escolha, e *não* porque ele goste de mim ou, bem...

— De anatomia feminina? — Ajudou Stevie Rae.

— Sim, anatomia feminina versus anatomia masculina.

Acho que ele tem as qualidades que procuramos. Tem talento, é popular, e é mesmo bom tipo.

— E é completamente... — começou Erin.

— ... lindo — terminou Shaunee.

— Verdade, é mesmo. Mas não vamos nada basear a adesão na aparência.

Shaunee e Erin franziram o sobrolho, mas não discutiram. Não são assim tão frívolas; são só um bocadinho.

Respirei fundo outra vez.

— E acho que o sétimo membro do Conselho tem de ser uma das séniores que fazia parte do grupo íntimo de Afrodite. Quer dizer, se uma delas pedir para entrar no nosso Conselho.

Desta vez não houve silêncio embasbacado. Erin e Shaunee, como sempre, falaram ao mesmo tempo.

— Uma das megeras do inferno!

— Nem que a vaca tussa!

Damien falou enquanto as Gémeas respiravam fundo para poderem voltar a berrar.

— Não vejo como é que isso pode ser boa ideia.

Stevie Rae tinha um ar aborrecido e mexia no lábio.

Levantei a mão, e fiquei contente (e admirada) por se calarem mesmo.

— Não fiquei com o cargo nas Filhas das Trevas para começar uma guerra na escola. Fi-lo porque a Afrodite era uma rufia, e alguém tinha de a deter. Agora que estou à frente das Filhas das Trevas, quero que sejam um grupo a que os miúdos tenham orgulho de pertencer. E não me refiro a um conjunto selecto, como quando

Afrodite era líder. Deve ser difícil entrar nas Filhas e Filhos das Trevas, e deve ser um grupo selecto, mas não porque só podem entrar os amiguinhos da líder actual. Quero que as Filhas e Filhos das Trevas sejam motivo de orgulho para todos, e acho que, ao convidar alguém do grupo antigo para o Conselho, estarei a dar a imagem adequada.

— Ou a deixar entrar uma víbora — disse Damien baixinho.

— Corrige-me se estiver enganada, Damien, mas as cobras não são aliadas de Nyx? — Falei depressa, seguindo a sensação intuitiva que me instigava. — Não ficaram com má reputação porque, historicamente, têm sido símbolos de poder feminino, e os homens queriam tirar esse poder às mulheres, e fazer dele uma coisa nojenta e aterradora?

— Não, tens razão — anuiu ele, relutante — mas não significa que deixar entrar alguém do gangue da Afrodite no nosso Conselho seja boa ideia.

— Vês, é essa a questão. Não quero que seja apenas o *nosso* Conselho. Quero que se torne numa tradição na escola. Numa coisa que dure além de nós.

— Queres dizer que, se algum de nós não sobreviver à Mudança, fundar este novo tipo de Filhas das Trevas será como viver para sempre? — Inquiriu Stevie Rae, e percebi que ela conseguira a atenção dos outros.

— É isso mesmo que eu quero dizer – embora só há coisa de um segundo me tenha apercebido disso — disse eu de rajada.

— Bem, gosto dessa parte, embora não faça tenções de me afogar nos meus próprios pulmões em sangue — disse Erin.

— Claro que não, Gémea. Que maneira mais feia de morrer.

— Não quero sequer pensar em não sobreviver à Mudança — disse Damien — mas se me acontecesse uma coisa pavorosa, queria que houvesse nesta escola qualquer coisa que me recordasse.

— Podemos ter placas? — Perguntou Stevie Rae, e reparei que estava invulgarmente pálida.

— Placas? — Não fazia ideia do que ela estava a falar.

— Sim. Acho que devíamos ter uma placa ou coisa assim, com os nomes dos... dos... o que foi que lhes chamaste?

— Prefeitos — disse Damien.

— Isso, Prefeitos. A placa, ou coisa assim, podia ter os nomes do Conselho de Prefeitos de cada ano, e ficaria assim em exposição para todo o sempre.

— Pois — disse Shaunee, já mais convencida.

— Mas não é uma simples placa. Precisamos de mais estilo do que uma simples placa.

— Uma coisa única, como nós — disse Erin.

— Impressões das mãos — disse Damien.

— Hã? — Fiz eu.

— As impressões das nossas mãos são únicas. E se fizéssemos moldes em cimento das nossas mãos, e assinássemos os nossos nomes por baixo? — Sugeriu Damien.

— Como as estrelas fazem em Hollywood? — Atalhou Stevie Rae.

Pronto, parecia foleiro, e eu não podia deixar de achar graça. A ideia era como nós – única – fixe – e quase ridícula.

— Acho as impressões uma excelente ideia. E sabem qual é o sítio ideal para isso? — Olharam para mim com olhos brilhantes e felizes, a preocupação de que algum amigo da Afrodite se juntasse a nós, além do medo constante da morte súbita que todos temos, temporariamente esquecidos.

— O pátio é o sítio ideal.

Ouvii-se o toque para voltarmos às aulas. Pedi a Stevie Rae que dissesse à Professora Garmy, de Espanhol, que eu fora falar com Neferet, e que chegaria tarde. Queria mesmo contar-lhe das minhas ideias, enquanto as tinha nítidas na cabeça. Não demoraria muito tempo – faria apenas um resumo para ver se ela gostava da ideia. Talvez... talvez até lhe pedisse que fosse ao Ritual da Lua Cheia de domingo, para estar lá quando eu anunciasse o novo processo de selecção para entrar nas Filhas e nos Filhos das Trevas. Estava a pensar no nervosismo que sentiria com Neferet lá, a ver-me invocar um círculo e fazer o meu próprio ritual, e ralhava comigo mesma em como tinha de me deixar de nervoso miudinho... que era melhor para as Filhas das Trevas que Neferet lá estivesse a apoiar as minhas novas ideias e...

— Mas foi o que eu vi! — A voz de Afrodite, que vinha da porta entreaberta da sala de aula de Neferet, abalou-me os pensamentos e fez-me parar de imediato. Parecia alterada – muito chateada, e talvez até assustada.

— Se a tua visão não for melhor do que isso, talvez seja altura de parares de contar o que vês aos outros. — A voz de Neferet era como gelo, aterradora, fria, e dura.

— Mas a Neferet perguntou! Só lhe contei o que vi!

De que falaria Afrodite? Raios partam. Teria ido contar a Neferet que vira Loren a tocar-me na cara? Olhei para o corredor deserto. Devia sair dali, mas nem por sombras me ia embora se aquela megera estava a falar de mim – embora parecesse que Neferet não acreditava numa palavra. Por conseguinte, em vez de me ir embora (como uma rapariga esperta), fui calmamente e sem ruído para o cantinho perto da porta entreaberta. Nisto, a raciocinar depressa, tirei um dos meus brincos de argola e deixei-o cair. Estou sempre a ir e vir da sala de Neferet – não é descabido que esteja à procura de um brinco perdido à porta dela.

— Sabes o que quero que faças? — As palavras de Neferet estavam tão eivadas de raiva e poder que as senti a arrepiarem-me.

— Quero que aprendas a não falar de coisas que sejam *questionáveis*. — Marcou bem o termo. Estaria a falar de mexericos sobre mim e Loren?

— Eu... eu só queria que a Neferet soubesse. — Afrodite começou a chorar, e as palavras saíam-lhe entre soluços. — Achei que poderia fazer qualquer coisa para impedir.

— Talvez seja mais sensato da tua parte achares que, devido aos teus actos egoístas no passado, Nyx está a sonegar-te o poder porque já não estás nas boas graças dela, e que o que andas a ver agora são imagens falsas.

Eu nunca ouvira o tipo de crueldade que emanava da voz de Neferet. Nem sequer parecia ela, e assustou-me de uma maneira que não consegui definir. No dia em que fui Marcada, tive um acidente antes de chegar à Casa da Noite. Fiquei inconsciente e tive uma experiência fora do corpo, que terminou num encontro com Nyx.

A Deusa disse-me que tinha desígnios especiais para mim, e depois deu-me um beijo na testa. Quando acordei, a minha Marca já não era só contorno, estava preenchida. Tenho uma ligação poderosa com os elementos (embora só me apercebesse muito depois), e também uma sensação instintiva nova que, por vezes, me leva a dizer ou fazer certas coisas – e outras vezes me diz claramente para ficar de boca calada. Naquele momento, o instinto dizia-me que a raiva de Neferet era um equívoco, mesmo que fosse em resposta aos mexericos que Afrodite lhe tivesse contado sobre mim.

— Por favor não diga isso, Neferet! — Afrodite soluçava. — Por favor não me diga que Nyx me rejeitou!

— Não tenho de te dizer nada. Olha para dentro da tua alma. Que te diz ela?

Se Neferet tivesse dito isto amavelmente, as palavras poderiam ser as de uma mentora sábia, de uma sacerdotisa, orientando alguém perturbado – para olharmos para dentro de nós em busca do problema, e para o resolvermos. Porém, a voz de Neferet era fria e desdenhosa e cruel.

— Está a dizer-me que... que cometi erros, mas não que a Deusa me odeia.

Afrodite chorava tanto que era cada vez mais difícil de perceber.

— Então deves olhar melhor.

Os soluços de Afrodite eram lancinantes. Eu já não podia ouvir mais. Deixei lá o brinco, segui o instinto e fui-me embora dali.



QUINTO CAPÍTULO

Doeu-me a barriga durante o resto da aula de Espanhol, a ponto de até arranjar maneira de pedir à Prof Garmy, «*puedo ir al baño*», e fiquei tanto tempo na casa de banho que Stevie Rae foi lá ter para saber o que se passava.

Eu sabia que ela estava aflita por minha causa – quer dizer, se um iniciado começa a ter ar de doente, costuma querer dizer que está a morrer. E tenho a certeza de que tinha péssimo aspecto. Disse a Stevie Rae que estava para me vir o período e que os espasmos estavam a dar cabo de mim – não literalmente, claro. Não pareceu convencida.

Fiquei incrivelmente aliviada por ir para a última aula da semana, Estudos Equestres. Além de adorar a aula, ficava sempre mais calma. Esta semana fui promovida a poder montar mesmo Perséfone, a égua que Lenóbia (não era preciso chamar-lhe professora, dizia que o nome da antiga rainha vampyra era suficiente) me atribuíra na primeira semana de aulas, e a praticar a esquerda e a direita. Trabalhei com a bonita égua até estarmos ambas a transpirar e eu me sentir melhor da barriga, depois demorei-me a arrefecê-la e a escová-la, sem me importar que já tivesse passado meia hora desde o toque que assinalava o final das aulas, quando finalmente saí da

cocheira dela. Fui à arrecadação imaculada guardar as almofaças e fiquei admirada por ver Lenóbia sentada numa cadeira à porta. Estava a esfregar sabão numa sela inglesa que já parecia estar impecável.

Lenóbia era magnífica, até para uma vampyra. Tinha um cabelo espantoso que lhe chegava à cintura, e tão louro que era quase branco. Os olhos eram de uma estranha cor cinzenta, como um céu de tormenta. Era magríssima, e andava como uma bailarina. A tatuagem dela era uma complicada série de nós à volta do rosto – dentro deles os cavalos cor de safira empinavam-se e ajoelhavam-se.

— Os cavalos podem ajudar-nos a deslindar os nossos problemas — disse ela, sem tirar os olhos da sela.

Eu não sabia bem o que dizer. Gostava de Lenóbia. Pronto, quando começara as aulas dela, tivera medo; ela era dura e sarcástica, mas depois de a conhecer (e de lhe provar que compreendia que os cavalos não eram cães grandes), já apreciava o espírito e o feitio desassombrado dela. Aliás, depois de Neferet, era a minha professora preferida, mas ela e eu nunca falávamos de nada excepto cavalos. Por conseguinte, foi com hesitação que eu disse:

— A Perséfone faz-me sentir calma, mesmo quando não estou. Faz sentido?

Ela olhou para mim, os olhos cinzentos toldados de preocupação.

— Faz todo o sentido. — Depois acrescentou. — Ficaste com muitas responsabilidades em tão pouco espaço de tempo, Zoey.

— Não me importo — asseverei. — Quer dizer, ser líder das Filhas das Trevas é uma honra.

— Não raro, as coisas que mais nos honram também nos dão mais problemas. — Tornou a calar-se e, talvez fosse imaginação minha, parecia estar a tentar decidir se dizia mais ou não. Depois endireitou a coluna já tão direita e continuou.

— A Neferet é a tua orientadora, e está correcto que desabafes com ela, mas por vezes pode ser difícil conversar com Sumo-Sacerdotisas. Quero que saibas que podes vir ter comigo – a respeito do que quer que seja.

Pisquei os olhos, admirada.

— Obrigada, Lenóbia.

— Eu arrumo-tas. Vai andando. Tenho a certeza de que os teus amigos estão ralados contigo. — Sorriu e tirou-me as almofaças. — E fica à vontade para cá vires ver a Perséfone. Sou de opinião que escovar um cavalo é coisa que faz o mundo parecer menos complexo.

— Obrigada — disse eu outra vez.

Quando saí do estábulo podia jurar que a ouvira a dizer baixinho qualquer coisa que parecia *Que Nyx te abençoe e proteja*, mas seria esquisito de mais. Claro que também era esquisito ter dito que eu podia ir falar com ela. Os iniciados criavam um laço especial com os seus orientadores – e eu tinha um muitíssimo especial com a Sumo-Sacerdotisa da escola. Claro que gostávamos de outros vampes, mas se uma miúda tivesse um problema que não pudesse resolver sozinha, falava com o seu ou a sua orientadora. Sempre.

O percurso dos estábulos até ao dormitório não era comprido, mas demorei-me, a tentar expandir a sensação de paz que o trabalho com Perséfone me dera. Desviei-me um pouco do passeio, por entre as árvores antigas que ladeavam a parte oriental do muro, a toda a volta do recinto da escola. Eram quase quatro horas (da manhã, claro), e a profundidade da noite estava belissimamente iluminada pela Lua que se avolumava.

Já me esquecera do quanto gostava de andar perto do muro da escola. Aliás, evitara ir ali no último mês. Desde que vira – ou achara que vira – os dois fantasmas.

— *Miauff!*

— Caraças, *Nala!* Não me pregues sustos destes. — Tinha o coração a bater descompassado quando peguei na minha gata e comecei a fazer-lhe festinhas, e ela sempre a queixar-se.

— Olá... Bem podias ser um fantasma. — *Nala* olhou-me e depois espirrou mesmo na minha cara, como se comentasse a possibilidade de ser um fantasma.

Pronto, da primeira vez pode ter sido um fantasma. Eu andara ali fora no dia após a morte de Elizabeth, no mês anterior. Ela fora a primeira das duas mortes de iniciados a abalar a escola. Bem, mais precisamente a abalar-me a *mim*. Enquanto iniciados, que po-

diam – qualquer um de nós – cair mortos a qualquer altura, nos quatro anos que a Mudança fisiológica de humanos para vampyros demorava a concretizar-se nos nossos corpos, a escola esperava que lidássemos com a morte como mais um facto da vida de iniciados. Rezar pelo falecido. Acender uma vela. Enfim. Superar e continuar com a vida.

Ainda me parecia errado, mas talvez fosse por só ter passado um mês desde o princípio da minha Mudança, e ainda estar habituada a ser humana, e não vampyra, ou sequer iniciada.

Suspirei e cocei as orelhas de *Nala*. Seja como for, na noite seguinte à morte de Elizabeth, eu vira qualquer coisa que achara ser Elizabeth. Ou o fantasma dela, pois morrerá de certeza. Não foi mais do que um vislumbre, e Stevie Rae e eu discutimos sem conseguirmos decidir o que se passava. A verdade é que sabíamos muito bem que os fantasmas existiam – aqueles que Afrodite conjurara um mês antes quase tinham matado o meu ex-namorado humano. Por conseguinte, eu podia muito bem ter visto o espírito acabado de libertar de Elizabeth. Claro que também posso ter tido um vislumbre de um iniciado e, por ser noite e eu só lá estar há poucos dias e ter passado, nesses dias, por toda a espécie de tretas incríveis, ter imaginado tudo aquilo.

Cheguei ao muro e virei à direita, perambulando na direcção que acabaria por me levar à sala de convívio e depois ao dormitório das raparigas.

— Mas da segunda vez não foi imaginação minha, pois não, *Nala*? — A resposta da gata foi meter a cabeça no meu pescoço e ronronar como um cortador de relva. Aconcheguei-a, contente por ela me ter seguido. Só de pensar no segundo fantasma ainda me causava arrepios. *Nala* estivera comigo nesse momento também (a semelhança de situações fez-me olhar em redor e acelerar a caminhada).

Não fora muito depois de o segundo miúdo se ter afogado no próprio tecido pulmonar e sangrado diante da turma de Literatura. Estremeci, a recordar o horror que tinha sido – especialmente por causa da minha atracção nojenta pelo sangue dele. Seja como for, vi Elliott morrer. Depois, ao fim desse dia eu e *Nala* tínhamos tro-

peçado nele (quase literalmente) não muito longe de onde estamos agora. Achei que ele era outro fantasma. Ao princípio. Depois ele tentou atacar-me, e *Nala* (gatinha querida) atirara-se a ele, o que o fizera saltar por cima dos seis metros do muro e desaparecer no meio da noite, deixando-me a mim e a *Nala* completamente apavoradas. Especialmente depois de eu perceber que a minha gata tinha sangue nas patas. Sangue do fantasma. Coisa que não fazia sentido nenhum.

Todavia, não falei desta segunda vez a ninguém. Nem à minha melhor amiga e companheira de quarto, Stevie Rae, nem à orientadora e Sumo-Sacerdotisa Neferet, nem ao meu delicioso novo namorado, Erik. A ninguém. Queria tê-lo feito, mas depois acontecera tudo aquilo com Afrodite... Eu ficara a liderar as Filhas das Trevas... começara a namorar com Erik... andara atarefadíssima com as aulas... blá, blá, uma coisa levou a outra e ali estava eu, um mês depois, sem ter contado nada a ninguém. Só de pensar em contar agora me parecia uma parvoíce. *Olha, Stevie Rae/Neferet/Damien/Gêmeas/Erik, vi o espectro do Elliott o mês passado depois de ele morrer, e ele foi pavoroso, e tentou atacar-me, e a Nala fez-lhe sangue. Ah, e o sangue dele cheirava muito mal. Acreditem. Sou fã de sangue bem-cheiroso (outra bizzarria minha, a maioria dos iniciados não tem sede de sangue).* Achei por bem falar nisso.

Então, não. Deviam querer mandar-me ao equivalente vampyro em psiquiatria e, caraças, não seria excelente para instilar confiança nas massas enquanto nova líder das Filhas das Trevas? Sinceramente.

Além disso, quanto mais tempo passava, mais fácil era para mim convencer-me de que imaginara parte do encontro com Elliott. Talvez não fosse o Elliott (ou o fantasma dele ou sei lá). Eu não conhecia todos os iniciados da escola. Podia haver outro miúdo com carapinha ruiva e pele demasiado branca. Era certo que não tornara a ver nenhum miúdo assim, mas... E o sangue de cheiro esquisito? Bem, talvez houvesse iniciados com um cheiro esquisito. Como se eu pudesse ser perita em apenas um mês! E ambos os «fantasmas» tinham olhos vermelhos incandescentes. Mas que era aquilo?

Estava a ficar com dor de cabeça.

Não liguei à sensação de sobressalto e susto que este raciocínio me estava a causar e comecei a afastar-me decididamente do muro (e do assunto fantasmas e tal) quando vi um movimento pelo canto do olho. Fiquei paralisada. Era um vulto. Era alguém. A pessoa estava debaixo do enorme e velho carvalho onde eu encontrara *Nala* no mês passado. Estava de costas para mim, encostada à árvore, de cabeça curvada.

Ótimo. Não me viu. Não quis saber quem ou o que era. A verdade era que eu já tinha stresse que chegasse na minha vida. Não precisava de juntar fantasmas de espécie alguma (e, prometi a mim mesma desta vez, ia contar a Neferet sobre os fantasmas sanguinolentos que rondavam o muro da escola. Ela era mais velha, ela que lidasse com o stresse). De coração a bater tão alto que juro que nem se ouvia o ronrom de *Nala*, comecei lenta e silenciosamente a recuar, a dizer a mim mesma, firmemente, que nunca mais ia andar por ali no meio da noite, sozinha. Jamais. Mas seria atrasadinha? Porque é que não aprendia à primeira, vá lá, à segunda vez?

Depois o meu pé pisou rotundamente um ramo seco. Craque! *Nala* resmungou alto (estava a esmagá-la contra o meu peito, sem querer). A cabeça da figura que estava debaixo da árvore levantou-se e virou-se. Fiquei tensa, pronta a gritar e fugir de um fantasma malévolo de olhos vermelhos, ou a gritar e lutar com um fantasma malévolo de olhos vermelhos. De qualquer maneira, ia haver gritos, pelo que engoli ar e...

— Zoey? És tu?

A voz era funda, sensual e já minha conhecida.

— Loren?

— O que estás aqui a fazer?

Ele não fez gesto algum para se aproximar de mim e eu, pura e simplesmente por nervoso miudinho, sorri como se não tivesse estado apavorada de morte há segundos, encolhi os ombros e fui ter com ele debaixo da árvore.

— Olá — disse, a tentar parecer adulta. Depois lembrei-me de que ele me fizera uma pergunta, e fiquei contente por estar escuro e não ser óbvio que estava corada.

— Ah, venho dos estábulos e eu e a *Nala* decidimos perambular. — Perambular? Mas eu dissera aquilo?

Tinha-o achado tenso quando me cheguei a ele, mas isto fê-lo rir-se e o rosto lindo de morrer descontraiu-se.

— Perambular, hein? Olá de novo, *Nala*. — Coçou-lhe a cabeça e ela, tipicamente mal-educada, rosnou-lhe, saltou do meu colo para o chão, sacudiu-se e, ainda a rosnar, afastou-se delicadamente.

— Desculpe. Ela não é sociável.

Ele sorriu.

— Não faz mal. O meu gato, *Wolverine*, faz-me lembrar um velho rabugento.

— *Wolverine*? — Ergui o sobrolho.

O sorriso lindo dele ficou todo torto e arrapazado e, incrível, ainda o fez mais bonito.

— Pois, *Wolverine*. Ele escolheu-me para dono quando eu era terceiranista. Nesse ano eu estava completamente apanhado pelos *X-Men*.

— O nome pode justificar a rabugice dele.

— Bem, podia ser pior. No ano anterior eu não parava de ver o Homem-Aranha. O gato esteve muito perto de se chamar Spidey ou Peter Parker.

— O professor é claramente um grande fardo para o seu gato.

— O *Wolverine* de certeza que concorda contigo! — Tornou a rir-se e eu tentei não deixar que aquela maravilha me fizesse rir histericamente, como uma pré-adolescente num concerto. Eu estava num *jogo de sedução com ele! Fica calma. Não digas nem faças nada imbecil.*

— Então o que faz aqui tão longe? — Perguntei, sem ligar à tagarelice da minha cabeça.

— Componho *haiku*. — Levantou a mão e eu vi que ele tinha um daqueles diários encadernados super caros e muito fixes.

— Consigo encontrar inspiração aqui fora, sozinho, nas horas que antecedem a madrugada.

— Ai que coisa! Desculpe, não queria interrompê-lo. Vou

despedir-me e deixá-lo em paz. — Acenei (como uma parva) e comecei a virar-me, mas ele apanhou-me o pulso com a mão livre.

— Não é preciso ires embora. Consigo inspirar-me com mais coisas do que somente aqui sozinho.

A mão dele estava quente no meu pulso e fiquei a pensar se ele sentiria a minha pulsação acelerada.

— Bem, não o quero incomodar.

— Não te rales com isso. Não incomodas nada. — Apertou-me o pulso e depois (infelizmente) soltou-o.

— Pronto, então, *haiku*. — O toque dele deixara-me estupidamente atabalhoada e tentei recuperar a compostura e o bom senso. — É poesia oriental com métrica definida, não é?

O sorriso dele fez-me ficar felicíssima por ter estado com atenção na aula de Inglês de Mrs. Wienecke, o ano passado na unidade de poesia.

— Correcto. Eu prefiro o formato cinco-sete-cinco. — Calou-se e o sorriso dele alterou-se. Houve qualquer coisa nele que me fez um calorzinho na barriga e os olhos escuros e lindos dele fixaram-se nos meus.

— Por falar em inspiração – podias ajudar-me.

— Claro, não me importo nada — disse eu, contente por não parecer tão ofegante quanto me sentia.

Ainda a fitar-me, levantou a mão e roçou pelo meu ombro.

— Nyx Marcou-te aqui.

Não era uma pergunta, mas eu assenti. — Sim.

— Queria ver. Se não for embaraçoso para ti.

A voz dele arrepiou-me por completo. A lógica dizia-me que ele só queria ver as tatuagens por serem tão bizarras e diferentes, que não estava nada a seduzir-me. Eu não devia parecer mais do que uma criança para ele – uma miúda – uma iniciada com Marcas esquisitas e poderes invulgares. Era o que a lógica me dizia. Porém, os olhos dele, a voz dele, a maneira como a mão ainda me afagava o ombro – diziam-me algo completamente diferente.

— Eu mostro-lhe.

Eu tinha vestido o meu casaco preferido – camurça preta

e que me assentava como uma luva. Debaixo só tinha uma camisolinha roxa (sim, era final de Novembro, mas já não sinto frio como antes de ser Marcada, nenhum de nós sente). Comecei a despir o casaco.

— Eu ajudo.

Estava muito perto de mim, ligeiramente de lado. Estendeu a mão direita, pegou no colarinho do casaco com os dedos e fê-lo deslizar nos meus ombros até ficar preso nos cotovelos.

Loren devia estar a olhar para o meu ombro quase nu, embasbacado pelas tatuagens que nenhum outro iniciado ou vampyro conhecido tinha. Mas não. Ainda estava a fitar-me. E de repente aconteceu qualquer coisa dentro de mim. Deixei de me sentir uma adolescente nervosa, desajeitada e totó. A expressão dos olhos dele tocou a mulher dentro de mim, despertando-a, e quando este novo eu acordou, senti uma confiança tranquila em mim que raramente me acontecera. Devagar, empurrei a alça fininha da camisola pelo ombro abaixo, até ficar junto do casaco meio despido. Depois, ainda a fitá-lo, tirei o cabelo comprido do caminho, levantei o queixo, e virei ligeiramente o corpo, deixando-o ver claramente a parte de trás do ombro, que estava agora completamente nu, tirando a alcinha do sutiã preto.

Ele continuou a fitar-me mais uns segundos, e senti o sopro fresco do ar da noite, e a carícia da Lua quase cheia na pele exposta do seio e ombro e costas. Deliberadamente, Loren aproximou-se mais, segurando no meu braço enquanto olhava para a parte de trás do ombro.

— É incrível. — Falava tão baixinho que era quase um sussurro. Senti a ponta do dedo dele percorrer o padrão labiríntico que se parecia, tirando as runas exóticas dentro de espirais, com a Marca da minha testa.

— Nunca vi nada assim. É como se fosses uma sacerdotisa antiga que se materializou no nosso tempo. Somos abençoados por te termos, Zoey Redbird.

Disse o meu nome como uma prece. A voz dele misturada com o toque fez-me estremecer e ficar toda arrepiada.

— Desculpa, debes estar com frio. — Suave mas rapidamente, Loren puxou para cima a alça da camisola e o casaco.

— Não estava a tremer de frio. — Ouvi-me a dizer as palavras, e não consegui decidir se era de sentir orgulho ou vergonha pela ousadia.

«*Creme e seda numa só
Como anseio por provar e tocar
A Lua vigia-nos.*»

Os olhos dele nunca desfitaram os meus enquanto recitou o poema. A voz, que costumava ser modulada, perfeita, ficara profunda e rouca, como se ele tivesse dificuldade em falar. Como se a voz dele tivesse a capacidade de me aquecer, fiquei tão ruborizada que até sentia o sangue a correr em rios de fogo pelo corpo todo. Sentia formigueiro nas coxas e era difícil respirar. *Se ele me beijar, rebento.* Só de pensar tive de falar:

— Acabou de compor esse agora? — Desta vez a minha voz soou ofegante, como eu me sentia.

Ele abanou a cabeça ligeiramente e um sorriso quase invisível arvorou-lhe aos lábios.

— Não. Foi um poeta japonês que o compôs há séculos, acerca da sua amada nua ao luar.

— É lindo — disse eu.

— Tu és linda — disse ele, e tocou-me na face. — E esta noite foste a minha inspiração. Obrigado.

Senti-me a inclinar-me para ele, e juro que o corpo dele reagiu. Posso não ter grande experiência. E, raios partam, ainda sou virgem. Mas não sou completamente imbecil (regra geral). Sei quando um tipo está na minha. E aquele tipo – naquele momento – estava completamente na minha. Pus a minha mão na dele, esqueci-me de tudo, de Erik e do facto de Loren ser um vampe adulto e eu uma iniciada. Desejei que me beijasse, desejei que me tocasse mais. Olhámo-nos. Ambos ofegávamos. Depois, numa fracção de segundo, os olhos dele piscaram e mudaram de escuros e íntimos para escuros

e distantes. Tirou-me a mão da cara e deu um passo atrás. Senti o recuo dele como um vento gelado.

— Foi bom ver-te, Zoey. E obrigado por me deixares ver a tua Marca. — Sorriu educada e decentemente. Fez um gesto de cabeça que era quase uma vénia formal, e afastou-se.

Eu não sabia se havia de gritar de frustração, chorar de vergonha, ou rosnar e ficar zangada. De cenho carregado e a resmungar, ignorei o facto de ter as mãos a tremer e marchei de volta ao dormitório. Era decididamente uma urgência para a melhor amiga.



SEXTO CAPÍTULO

Ainda a resmungar acerca dos homens e de darem a entender uma coisa e afinal ser outra, entrei na sala do dormitório e não fiquei nada admirada de ver Stevie Rae e as Gémeas todas juntas a olhar para uma das televisões. Era evidente que estavam à minha espera. Senti uma onda de alívio incrível. Não queria que o mundo inteiro (tradução: as Gémeas e/ou Damien) soubesse do que acontecera, mas ia contar a Stevie Rae todos os pormenores sumarentos sobre Loren – e deixar que ela me ajudasse a perceber o que raio significava aquilo tudo.

— Hum, Stevie Rae, não sei o que fazer para o trabalho de Sociologia que temos de entregar na segunda-feira. Talvez me possas ajudar. Quer dizer, não demora muito e — Stevie Rae interrompeu-me, sem tirar os olhos da televisão.

— Espera, Z, anda cá, tens de ver isto. — Fez sinal para a televisão. Os olhos das Gémeas estavam lá colados também.

Franzi o sobrolho quando reparei no ar tenso que todas tinham, e a questão Loren varreu-se-me (temporariamente) da cabeça.

— O que se passa?

Estavam a ver uma repetição das notícias da noite do canal Fox local. Chera Kimiko, a pivô, estava a falar e passavam imagens conhecidas de Woodward Park no ecrã.

— Custa a crer que Chera não seja vampre. É extraordinariamente bonita — disse eu automaticamente.

— Chiu, ouve o que ela está a dizer — disse Stevie Rae.

Ainda admirada com o comportamento esquisito delas, calei-me e ouvi.

«Relembrando a nossa reportagem desta noite – continuam à procura de Chris Ford, da Union High School local. O jovem de dezassete anos desapareceu ontem depois dos treinos de futebol.» A imagem no ecrã era de Chris com o equipamento de futebol. Saiu-me um gritinho quando assimilei o nome e a cara.

— Ei, eu conheço-o!

— Foi por isso que te chamei — disse Stevie Rae.

«As equipas de busca estão a passar a zona em redor de Utica Square e Woodward Park a pente fino, onde o jovem foi visto pela última vez.»

— É mesmo perto daqui — disse eu.

— Chiu! — Fez Shaunee.

— Nós sabemos! — Disse Erin.

«Até agora não há pistas quanto ao motivo da presença dele na zona de Woodward Park. A mãe de Chris disse nem sequer saber que o filho sabia o caminho para Woodward Park, que ele nunca lá tinha ido antes. Mrs. Ford também disse contar que o filho chegasse a casa logo depois do treino de futebol. Está desaparecido há mais de vinte e quatro horas. Se tiverem informações que ajudem a polícia a localizar Chris, contactem os Crime Stoppers, garantimos anonimato.»

Chera passou a outra reportagem e toda a gente na sala ficou muito quieta.

— Tu conhece-lo? — Perguntou Shaunee.

— Conheço, não muito bem. Quer dizer, é um dos jogadores mais famosos do Union, e quando eu andava com Heath – vocês sabem que o Heath é avançado do Broken Arrow?

Assentiram com impaciência.

— Bem, ele arrastava-me com ele para as festas, e os jogadores conheciam-se todos, de maneira que o Chris e o primo dele,

Jon, também iam a muitas. Diz-se que deixaram de se embebedar com cerveja reles para se embebedarem com cerveja reles a fumarem charros.

Olhei para Shaunee, que estivera invulgarmente atenta ao noticiário.

— E antes que perguntes, sim, ele é tão giro na vida real quanto na fotografia.

— É uma pena quando acontece uma coisa má a um mano giro — disse Shaunee, a abanar a cabeça.

— É uma pena quando acontece a qualquer tipo giro, seja qual for a cor, Gémea — disse Erin.

— Não vamos fazer discriminação. Giro é giro.

— Tens razão, como sempre, Gémea.

— Não gosto de marijuana — atalhou Stevie Rae. — Cheira mal. Experimentei uma vez mas deu-me muita tosse e ardor na garganta. E até fiquei com bocados de erva na boca. Foi um nojo.

— Não gostamos de coisas nojentas — declarou Shaunee.

— Pois não, e a erva é uma coisa nojenta. E dá vontade de comer sem razão nenhuma. É uma pena que os jogadores de futebol perdidos de bons se metam nisso — disse Erin.

— Ficam menos bons — disse Shaunee.

— Pronto, não interessa agora se são bons, nem a erva interessa — disse eu. — Tenho um mau pressentimento sobre este desaparecimento.

— Oh, não — disse Stevie Rae.

— Mas que treta — disse Shaunee.

— Detesto quando ela tem pressentimentos — disse Erin.

...

Só conseguíamos falar do desaparecimento de Chris, e de ser tão estranho ele ter sido visto pela última vez tão perto da Casa da Noite. Em comparação com o desaparecimento de um miúdo, o meu pequeno drama-trauma com Loren parecia uma insignificância. Quer dizer, eu ainda queria contar a Stevie Rae, mas parecia que não me

conseguia concentrar em nada que não fosse a sensação tenebrosa que me sugava a energia desde que vira as notícias.

O Chris morreu. Não queria acreditar. Não queria saber disso, mas tudo dentro de mim me dizia que acabariam por encontrar o miúdo, mas morto.

Encontrámo-nos com Damien na sala de jantar, e a conversa de toda a gente foi sobre Chris e teorias quanto ao desaparecimento, desde a insistência das Gémeas em como «o perdido de bom provavelmente teve uma briga com as unidades parentais, e anda a beber cerveja reles algures», até à convicção de Damien de que ele poderia ter descoberto tendências homossexuais e partido para Nova Iorque, a fim de realizar o seu sonho de ser modelo *gay*.

Eu não tinha teoria nenhuma. E tinha um pressentimento terrível, do qual não me apetecia nada falar.

Obviamente, também não conseguia comer. Doía-me a barriga. Outra vez.

— Estás a brincar com esta comida excelente? — Perguntou Damien.

— Não tenho fome.

— Foi o que disseste ao almoço.

— Pois digo-o outra vez! — Estalei, mas arrependi-me logo quando vi o ar magoado de Damien, a olhar para a sua tigela deliciosa de massas vietnamitas chamadas Bun Cha Gio. As Gémeas olharam-me de sobrelance, e voltaram a concentrar-se na correcta utilização dos pauzinhos. Stevie Rae ficou a olhar para mim, com um ar aflito mas silencioso na cara.

— Toma, encontrei isto, tenho um pressentimento de que é tua.

Afrodite largou a argola de prata ao lado do meu prato. Olhei para o rosto perfeito dela. Estava estranhamente inexpressivo, e a voz dela também.

— Então, é tua?

Levei automaticamente a mão à outra orelha, onde ainda estava a argola do par. Esquecera-me completamente de que deixara

cair a maldita coisa para poder fingir procurá-la enquanto escutava à porta de Neferet. Caraças.

— É. Obrigada.

— Não tens de quê. Parece que não és a única que tem presentimentos, hein?

Virou-se e saiu da sala de jantar pelas portas de vidro que davam para o pátio. Embora levasse um tabuleiro com o jantar por comer, nem sequer parou a olhar para a mesa onde estavam sentadas as amigas dela. Reparei que elas olharam quando ela passou, mas que desviaram o olhar à pressa. Ninguém a fitou. Afrodite comeu lá fora, no pátio à média luz, tal como fizera praticamente o mês todo. Sozinha.

— Pronto, ela é mesmo esquisita — disse Shaunee.

— Pois, esquisita cabra psicopata do inferno — disse Erin.

— Nem as amigas querem ter nada a ver com ela — disse eu.

— Deixa de ter pena dela! — Exclamou Stevie Rae, invulgarmente aborrecida. — Ela só dá sarilhos, não vês?

— Eu não disse que não dava — retruquei. — Só comentei que até as amigas lhe viraram as costas.

— Perdemos alguma coisa? — Perguntou Shaunee.

— O que se passa contigo e com Afrodite? — Perguntou Damien.

Abri a boca para lhes contar do que ouvira antes, mas calei-me quando ouvi a voz suave de Neferet:

— Zoey, espero que não te importes que te afaste dos teus amigos esta noite.

Olhei lentamente para ela, quase assustada com o que poderia ver. Quer dizer, da última vez que ouvira a voz dela, soara incrivelmente odiosa e fria. Entreolhámo-nos. Os olhos dela eram verde-musgo e lindos, e o sorriso bondoso começava a parecer preocupado.

— Zoey? Passa-se alguma coisa?

— Não! Desculpe. Estava distraída.

— Queria que jantasses comigo esta noite.

— Oh, claro. Não há problema; gostaria muito. — Percebi

que nunca mais me calava, mas não conseguia parar. Oxalá pare depressa. Como quando se tem diarreia – não pode durar sempre.

— Ótimo. — Ela sorriu para os meus quatro amigos. — Preciso de levar a Zoey, mas não tardarei a trazê-la.

Os quatro brindaram-na com os seus sorrisos de veneração típicos, e garantias de que estava tudo bem para eles.

Sei que é ridículo, mas esta aceitação fácil da parte deles fez-me sentir abandonada e insegura. Que estupidez. A Neferet é minha orientadora, e Sumo-Sacerdotisa de Nyx. Ela está do lado dos bons.

Assim sendo, por que razão sentia eu a barriga apertada quando a segui para fora da sala de jantar?

Olhei por cima do ombro para o meu grupo. Continuaram a conversar. Damien estava de pauzinhos levantados, obviamente a dar às Gémeas outra lição de manuseamento. Stevie Rae fazia a demonstração. Senti alguém a olhar-me e procurei quem seria, na parede de vidro que separava a zona de refeições do pátio. Sentada sozinha na noite, Afrodite olhava para mim com uma expressão que quase podia ser de piedade.



SÉTIMO CAPÍTULO

A sala de jantar dos vampes não era um refeitório. Era uma sala muito fixe directamente por cima da dos alunos. Também tinha uma parede com janelas em arcadas. Na varanda que dava para o pátio, havia mesas e cadeiras de ferro forjado. O resto da sala estava decorado com gosto e despesa, uma variedade de mesas de diversos tamanhos, e até compartimentos de cerejeira escura. Não havia tabuleiros nem bufês de auto-serviço. Guardanapos de pano, louça de porcelana e cristal dispostos artisticamente nas mesas, e velas brancas, finas e compridas acesas em castiçais. Estavam alguns professores a jantar, dois a dois ou em grupinhos. Acenaram respeitosamente com a cabeça para Neferet e fizeram sorrisos breves de boas-vindas para mim, antes de voltarem à sua refeição.

Tentei observar o que estavam a comer sem dar muito nas vistas, mas só vi as mesmas massas vietnamitas do nosso refeitório, e uns crepes muito bem enrolados. Não havia sinal de carne crua, nem nada que se parecesse com sangue (bem, tirando vinho tinto). E, claro, não era preciso ralar-me se dava nas vistas ou não. Se eles tivessem estado a banquetear-se com sangue teria sentido o cheiro. O aroma delicioso do sangue era-me sobejamente conhecido...

— A noite está fresca, mas incomoda-te se ficarmos lá fora na varanda? — Perguntou Neferet.

— Não, acho que não. Já não sinto o frio como sentia. — Sorri para ela, ralhei comigo própria a lembrar-me de que ela era intuitiva e estaria a «ouvir» bocados da estupidez que rodopiava na minha cabeça.

— Ótimo, prefiro jantar na varanda em todas as estações. — Levou-me pelas portas até uma mesa já posta para dois. Apareceu magicamente uma empregada – obviamente vampyra, como se via pela Marca preenchida e a série de finas tatuagens que lhe emolduravam o rosto em forma de coração, mas parecia mesmo jovem.

— Sim, traga-me o Bun Cha Gio e um jarro do mesmo vinho tinto que bebi ontem. — Depois fez-me um sorrisinho secreto e acrescentou. — E traga à Zoey um copo de uma cola qualquer, desde que não seja de dieta.

— Obrigada — disse eu à empregada.

— Tenta só não beber muito disso. Não te faz realmente nada bem. — Piscou-me o olho, e a repreensão passou a ser uma pequena piada.

Sorri-lhe, contente por ela se lembrar dos meus gostos, e comecei a sentir-me mais descontraída. Estava com Neferet – nossa Sumo-Sacerdotisa. Era minha orientadora e amiga, e desde que eu chegara, há um mês, só tivera a maior simpatia para comigo. Sim, parecia aterradora quando a ouvi a ralar com Afrodite, mas Neferet era uma Sacerdotisa poderosa e, tal como Stevie Rae estava sempre a lembrar-me, Afrodite era uma rufia egoísta que merecia estar em sarilhos. Raios partam! Provavelmente até lhe foi contar mexericos sobre mim.

— Sentes-te melhor? — Perguntou Neferet.

Fitei-a. Observava-me atentamente.

— Sim, sinto.

— Quando ouvi falar no adolescente humano desaparecido, comecei a ficar preocupada contigo. Esse Chris Ford era teu amigo, não era?

Não havia nada que ela dissesse que me pudesse surpreen-

der. Neferet era incrivelmente inteligente e dotada pela Deusa. Isso, e o estranho sexto sentido que todos os vampes tinham, equivalia a que ela soubesse literalmente tudo (ou pelo menos tudo o que fosse importante). Devia ter sido canja para ela saber que eu tivera os meus próprios sentimentos intuitivos quanto ao desaparecimento do Chris.

— Bem, ele não era bem meu amigo. Fomos às mesmas festas, mas eu não gosto assim tanto de farras, pelo que não o conhecia assim muito bem.

— Mas há qualquer coisa no desaparecimento dele que te incomoda.

Assenti. — É um pressentimento. Uma parvoíce. Ele deve ter discutido com os pais, o pai pô-lo de castigo ou coisa assim, e ele saiu porta fora. O mais certo é já estar em casa.

— Se pensasses mesmo assim já não estarias tão ralada. — Neferet esperou que a empregada acabasse de nos servir antes de dizer mais. — Os humanos acham que os vampyros adultos são todos videntes. A verdade é que, embora muitos de nós tenham o dom da precognição ou clarividência, a ampla maioria dos nossos aprendeu simplesmente a confiar na sua intuição – coisa de que a maioria dos humanos aprendeu a ter pavor. — O tom dela era muito parecido com o que tinha nas aulas, e escutei-a avidamente enquanto comíamos. — Pensa nisso, Zoey. Tu és boa aluna, tenho a certeza de que te lembras das aulas de História, do que historicamente aconteceu aos humanos, especialmente do sexo feminino, quando confiavam na intuição e começavam a «ouvir vozes na cabeça» ou até a prever o futuro.

— Considerava-se que estavam mancomunadas com o diabo, ou sei lá com quê, consoante a época da história. Em suma, eram fulminadas com raios e coriscos.

Ao ouvir isto corei, por ter falado coloquialmente para uma professora, mas ela não parecia ter ligado, limitava-se a assentir.

— Exacto. Até atacaram gente santa, como a Joana d'Arc. Portanto, vê que os humanos aprenderam a silenciar os seus instintos. Os vampyros, por outro lado, aprenderam a escutá-los e dão-lhes muita atenção. No passado, quando os humanos tentaram

caçar e destruir a nossa espécie, foi o que salvou muitos dos nossos antepassados.

Estremeci, pois não gostava nada de pensar na vida difícil que os vampyros deviam ter tido há coisa de cem anos.

— Não fiques ralada, Zoeybird. — Neferet sorriu, e eu sorri também ao ouvi-la chamar-me pela alcunha que a minha avó usava.

— Os Tempos das Fogueiras não voltam mais. Podemos não ser venerados como nos tempos antigos, mas os humanos nunca mais serão capazes de nos caçar e destruir. — Por momentos, os olhos verdes dela relampejaram perigosamente. Bebi um grande gole da minha cola, pois não queria fitar aqueles olhos assustadores. Quando prosseguiu, voltara a ser ela mesma – sem réstia de perigo na voz, apenas a minha orientadora e amiga.

— Portanto, significa isto que o meu desejo é que não deixes de confiar no teu instinto. Se tiveres maus pressentimentos sobre uma situação ou uma pessoa, toma atenção. E, claro, se precisares de falar comigo, a minha porta está sempre aberta.

— Obrigada, Neferet, isso é muito importante para mim.

Ela descartou o meu reconhecimento.

— É isso que significa ser orientadora e Sumo-Sacerdotisa – dois papéis que eu espero que venhas a assumir um dia.

Quando ela falava do meu futuro, e de eu ser Sumo-Sacerdotisa, surgia-me sempre uma sensação estranha. Era um misto de esperança e entusiasmo, e também de um medo abjecto.

— Aliás, fiquei admirada por não teres ido ter comigo depois do teu trabalho na biblioteca. Não decidiste um novo rumo para as Filhas das Trevas?

— Ah, hum, sim. Decidi. — Obriguei-me a não pensar na biblioteca e no encontro com Loren, e no muro oriental e no encontro com Loren... Nem por sombras queria que a Neferet e a intuição dela apanhassem qualquer coisa sobre... bem... *ele*.

— Sinto a tua hesitação, Zoey. Preferes não me contar o que decidiste?

— Oh, não! Quer dizer, sim. Na verdade, eu passei pela sua sala, mas a Neferet estava... — Olhei para cima, rapidamente, e re-

cordei-me da cena que ouvira. Os olhos dela pareciam ver a minha alma. Engoli em seco. — Estava ocupada com a Afrodite. Vim-me embora.

— Oh, compreendo. Agora o teu nervosismo ao pé de mim faz muito mais sentido. — Neferet suspirou, triste.

— A Afrodite... tornou-se num problema. É realmente uma pena. Tal como eu disse no Samhain quando me apercebi das proporções que a situação tomara, sinto-me parcialmente responsável pelo comportamento dela e por se ter transformado numa criatura tenebrosa. Eu sabia que ela era egoísta, mesmo quando entrou para a escola. Devia ter intervindo mais cedo e mostrado pulso firme com ela. — Neferet fitou-me. — Ouviste muita coisa?

Senti um arrepiado de aviso na espinha.

— Nem por isso — respondi rapidamente. — A Afrodite chorava muito. Ouvi a Neferet dizer-lhe que procurasse dentro dela. Eu sabia que não gostaria que a interrompessem. — Calei-me, com o cuidado de não dizer especificamente que não tinha ouvido *mais* nada – com o cuidado de não mentir descaradamente. E não desfitei aqueles olhos penetrantes.

Neferet tornou a suspirar e bebeu um gole de vinho.

— Normalmente eu não falaria de uma iniciada a outra, mas trata-se de um caso único. Sabias que a afinidade que a Deusa deu a Afrodite consistia na previsão de acontecimentos desastrosos?

Assenti, e reparei que usara o pretérito para se referir à afinidade de Afrodite.

— Bem, parece que o comportamento de Afrodite fez com que Nyx retirasse o seu dom. É algo extraordinariamente invulgar. Uma vez que a Deusa toque alguém, raramente revoga o que concede. — Neferet encolheu os ombros, triste. — Mas quem conhece os desígnios da Grande Deusa da Noite?

— Deve ser horrível para Afrodite — disse eu, mais a pensar alto do que a fazer um comentário relevante.

— Aprecio a tua compaixão, mas não te disse isto para que te apiedasses de Afrodite. Pelo contrário, disse-te para que estivesses

de sobreaviso. As visões da Afrodite já não têm legitimidade. Ela poderá dizer ou fazer coisas que sejam inquietantes. Enquanto líder das Filhas das Trevas, é tua responsabilidade garantir que ela não altere o equilíbrio e a harmonia entre os iniciados. Claro que as encorajamos a resolverem os problemas entre vós. São muito mais do que adolescentes humanas, e esperamos mais de vós, mas estás à vontade para vir ter comigo se o comportamento de Afrodite se tornar demasiado — fez uma pausa, como se ponderasse cuidadosamente a palavra seguinte — errático.

— Virei — disse eu, e começou outra vez a doer-me a barriga.

— Ótimo! Agora, queres contar-me os planos que tens para o teu reinado enquanto líder das Filhas das Trevas?

Tirei Afrodite da cabeça e delineei os planos para o Conselho de Prefeitos e as Filhas das Trevas. Neferet escutou com atenção e ficou abertamente impressionada com a minha pesquisa e aquilo a que chamou «reorganização lógica».

— Então precisas que eu lidere a faculdade na votação dos dois novos Prefeitos, porque eu concordo contigo que tu e os teus quatro amigos já provaram e comprovaram o vosso valor e já são um excelente Conselho interino.

— Sim. O Conselho pretende nomear Erik Night para a primeira das duas vagas.

Neferet assentiu. — O Erik é uma boa escolha. É popular junto dos iniciados, e tem um excelente futuro à sua frente. Quem tinhas em mente para a última vaga?

— É nisso que eu e o Conselho discordamos. Acho que precisamos de outro sénior, e também me parece que deve ser alguém que tenha estado no círculo íntimo de Afrodite. — Neferet levantou as sobrancelhas, surpreendida. — Porque incluir um amigo dela reforça o que tenho vindo a dizer, que não estou nisto por sede de poder, nem para usurpar o que era de Afrodite, nem nenhuma dessas parvoíces. Eu só queria fazer a coisa certa. Não queria começar uma estúpida guerra de facções. Se um dos amigos dela estiver no meu Conselho, o resto poderá compreender que não estou a querer ficar por cima dela – trata-se de algo muito mais importante do que isso.

Neferet ponderou, o que me pareceu uma eternidade. Por fim, disse:

— Sabes que até as amigas lhe viraram as costas.

— Percebi isso hoje na sala de jantar.

— Então de que serve pôr uma ex-amiga dela no teu Conselho?

— Não estou convencida de que sejam ex-amigas. As pessoas portam-se em privado de maneira diferente do que fazem em público.

— Mais uma vez, concordo contigo. Já anunciei à faculdade que, no domingo, as Filhas e os Filhos das Trevas farão uma reunião e um Ritual da Lua Cheia especiais. Será de esperar que a ampla maioria dos antigos membros participe – nem que seja por curiosidade quanto aos teus poderes.

Engoli em seco e assenti. Já estava demasiado consciente de ser a principal atracção num circo.

— Domingo é a altura certa de dizer às Filhas das Trevas acerca da tua nova visão para o grupo. Anuncia que falta preencher uma vaga no teu Conselho, e que deve ser um sextanista a ingressar. Tu e eu veremos as candidaturas e decidiremos quem se adequa melhor.

Franzi o sobrolho. — Mas não quero que seja apenas escolha nossa. Quero que a faculdade vote, assim como o corpo estudantil.

— E votam — disse ela suavemente.

— E depois nós decidimos.

Queria dizer mais, mas os olhos verdes dela estavam frios; não tenho vergonha de admitir que me assustou. Por conseguinte, em vez de discutir com ela (completamente impossível), segui um caminho diferente (como diria a minha avó).

— Também quero que as Filhas das Trevas se interessem por uma acção de caridade na comunidade.

Desta vez as sobrancelhas de Neferet desapareceram completamente na raiz dos cabelos.

— Comunidade no sentido de comunidade dos humanos?

— Sim.

— Achas que vão receber bem a vossa ajuda? Eles evitam-nos. Eles abominam-nos. Eles têm medo de nós.

— Talvez seja porque não nos conhecem — disse eu. — Talvez se agíssemos como parte integrante de Tulsa, nos tratassem como parte integrante de Tulsa.

— Ouviste falar nos motins de Greenwood nos anos 20? Aqueles Afro-Americanos eram parte de Tulsa, e Tulsa destruiu-os.

— Já não estamos nos anos 20 — disse eu. Era difícil encará-la, mas eu sabia, no fundo, que estava a fazer a coisa certa. — Neferet, a minha intuição diz-me que tenho de fazer isto.

Vi o semblante dela suavizar-se.

— E eu disse-te que devias confiar na tua intuição, não disse? Assenti.

— Que acção de caridade vais escolher – imaginando que eles te vão realmente deixar ajudar?

— Oh, parece-me que vão deixar. Decidi contactar a Street Cats – a associação de apoio aos felinos.

Neferet atirou a cabeça para trás e desatou à gargalhada.